

IDENTIDADE: BAURU

Karen Menegheti de Moraes
Victor Luis dos Santos Barbosa

IDENTIDADE: BAURU



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Copyright © 2014 by Karen Menegheti de Moraes
Victor Luis dos Santos Barbosa.
Todos os direitos reservados.

Moraes, Karen Menegheti de.
Identidade: Bauru / Karen Menegheti
de Moraes, Victor Luis dos Santos
Barbosa, 2014
125 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Gobbi

Monografia (Graduação) -
Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2014

1. Identidade. 2. Bauru. 3. Livro-
reportagem. I. Barbosa, Victor Luis
dos Santos. II. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação. III. Título.

A todos aqueles que, de perto ou de longe,
contribuíram para a elaboração desse livro.

“O mundo em si não tem sentido sem o nosso
olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso
pensamento que lhe confere alguma ordem”.

Lya Luft

SUMÁRIO

Prólogo.....	11
Ferrovias.....	21
Economia.....	35
Espaço geográfico.....	55
Educação.....	75
Cidade-sanduíche.....	89
Epílogo.....	107

PRÓLOGO

O livro *Identidade: Bauru* foi escrito em 2013, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), do campus de Bauru da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Durante a sua elaboração, foram realizadas entrevistas com historiadores, jornalistas, representantes do poder público e a população em geral, com o objetivo de entender como se configurou a “cara” atual da cidade na qual estudamos. A motivação para a escolha do tema partiu das aulas da disciplina Antropologia Cultural, na qual o professor Claudio Bertolli debatia a respeito da questão

IDENTIDADE: BAURU

identitária bauruense. As discussões deram início à motivação pessoal de também tentar compreendê-la, além do fato de não haver muitos trabalhos a respeito da identidade da cidade.

O que é identidade? Segundo o *Houaiss*, um dos significados para a palavra é: “o que faz que uma coisa seja da mesma natureza que outra”. Na definição seguinte, encontramos: “estado do que fica sempre igual”. Já nesse ponto somos obrigados a ir além do dicionário. A identidade tem sido um dos grandes temas das Ciências Sociais na contemporaneidade, abordado por inúmeros autores e escolas, justamente pela própria “crise” que enfrenta. Assim, não se pode afirmar mais numa unidade rígida ou única, ainda que isso vá de encontro ao próprio significado da palavra. A conceituação de identidade também difere para cada uma das ciências.

A identidade é um conceito altamente contestado. A globalização faz as distâncias se encurtarem e os acontecimentos terem potencial impacto em um número cada vez maior de pessoas, ainda que estejam nos lugares mais longínquos. Stuart Hall no livro *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992) fala que a rapidez com que se operam mudanças

PRÓLOGO

que “alteram as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade” provoca no sujeito um sentimento de perda de si mesmo e de suas referências. Essas variáveis também estão relacionadas à representação, visto que elas circulam em espaços materiais ou simbólicos. Se há uma crise de identidade do indivíduo desde a modernidade, para dar valor a uma comunidade simbólica a qual se sinta parte, não se poderia afirmar uma solidez da identidade local. Porém, segundo Zygmunt Bauman em *Identidade* (2005), ao mesmo tempo, há a ânsia do homem de tentar criar e recriar grupos nos quais se vivencie o pertencimento e nos quais se possa constituir uma identidade mais definida.

Dessa forma, as identidades se articulam de modo a manter a sociedade e a história. No sistema capitalista, essa relação passa a ser mediada e representada pelo consumo de bens materiais e imateriais, numa lógica na qual tudo é muito breve. Do mesmo modo, as identidades tornam-se fluidas, inconstantes e fragmentárias. Assim, por exemplo, a configuração atual de algumas sociedades e culturas permitem que noções de classe, sexualidade, raça, etnia e nacionalidade confundam-se e oponham-se.

IDENTIDADE: BAURU

E o qual o papel do jornalismo nisso tudo? Adotemos a perspectiva de que ele se situa a serviço da sociedade e do interesse público. É de importância dessa prática da Comunicação Social tratar de tal tema relevante. Kovach e Rosenstiel em *Os Elementos do Jornalismo* (2003) falam a respeito das mudanças do papel do jornalista nos tempos atuais: “O novo jornalista não decide mais o que o público deve saber. Ele ajuda o público a pôr ordem nas coisas. Isso não significa simplesmente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. A primeira tarefa dessa mistura de jornalista e ‘explicador’ é checar se a informação é confiável e ordená-la de forma que o leitor possa entendê-la”. Na era da internet, verificamos facilmente a importância desse trabalho de “curadoria” do jornalismo. Esse meio de comunicação facilitou muito o acesso à informação, mas ao mesmo tempo, colocou a credibilidade da própria informação em xeque, já que não há filtros para a publicação de conteúdo. Nesse cenário, inverdades são produzidas e reproduzidas também com mais facilidade. O livro-reportagem, pela questão da narrativa e da quantidade de páginas, permite levar ao extremo a

PRÓLOGO

função do jornalista enquanto organizador de conteúdo, o que facilita a abordagem de um tema tão complexo quanto a identidade.

Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo, vol 1* (2012), fala numa “autonomia relativa” da qual gozam os jornalistas. Isso porque esses profissionais lidam e dispõem de poder, já que trabalham com a realidade e a constroem em discursos. A relatividade, porém, se deve ao fato de o exercício da cultura profissional da comunidade jornalística estar sempre condicionado a fatores como o tempo de fechamento da edição, os anunciantes e a escolha de pautas. Nesse aspecto, nosso livro obteve a vantagem do prazo maior de produção, ao contrário de uma redação de empresa de comunicação tradicional.

O jornalismo tem a função de informar as pessoas. Em larga medida, também forma as pessoas, visto que possui embutidas opiniões e linhas de pensamento de quem o produz, que por sua vez são assimiladas pelo público a longo prazo. É o que, no jargão da profissão, chamamos de linha editorial. A empresa jornalística incute sua visão, abertamente ou não, no que é veiculado em seus produtos. Então, pode-se dizer que o jornalismo

IDENTIDADE: BAURU

também legítima ou refuta determinadas identidades. Assim, não se pode falar em imparcialidade jornalística, tampouco numa narrativa mais longa como o livro-reportagem. Por outro lado, procuramos dar voz à pluralidade de idéias dos entrevistados e articulá-las, de modo a construir um texto agradável ao leitor.

A questão emergente das identidades, múltiplas e fragmentadas, surge inevitavelmente nessa cidade de médio porte situada no capitalismo global. Aqui, tentamos desvendar a lembrança e a representação de Bauru no imaginário de seus cidadãos. A principal questão que se coloca é: qual é a identidade ou como se produz uma identidade do “ser bauruense” hoje ou no decorrer da história da cidade? A importância do tema se deve à sua presença, ainda que não seja visível diretamente, na ordem do dia de nossa convivência individual e coletiva.

Podemos citar brevemente dois exemplos recentes inseridos no contexto jornalístico: o “caso padre Beto” e o “caso Estátua da Liberdade”. Esses fatos situaram, por meio do noticiário, Bauru no mundo. Na primeira situação, o padre bauruense foi parar em manchetes nacionais e internacionais após ser

PRÓLOGO

excomungado pela Igreja Católica em função de seu apoio aos homossexuais. Fato é que o acontecimento não foi isolado na história da cidade. Em 1913, após conflitos entre o prefeito e o bispo – então da Diocese de Botucatu, à qual Bauru era subordinada – não somente o padre mas também a comunidade católica toda foi excomungada. A segunda situação foi a polêmica a respeito da colocação de uma réplica da Estátua da Liberdade. O referido monumento é um totem da loja de departamentos Havan, que é instalado em todas as unidades da empresa. Depois de petições pedindo sua retirada pelos que julgaram a obra como inapropriada para a cidade, o fato também a destacou na imprensa internacional. Porém, após tanta agitação, o monumento lá permaneceu instalado e ninguém mais se manifestou, nem contra, nem a favor. Um fenômeno correspondente ocorreu no período da instalação da estátua do Bauruzinho. O monumento imortalizou o sanduíche que carrega o nome do município e gerou uma grande movimentação e muitas polêmicas, que aparecem descritas nas próximas páginas.

Assim, na trajetória de Bauru, muitas identidades têm sido divulgadas e discutidas. Não podemos

IDENTIDADE: BAURU

perder de vista que isso é fruto das intrincadas relações sociais e de poder existentes. Considerado isso, um exemplo de identidade atribuída é a preocupação com a cidade do ponto de vista urbano e do progresso. Essa ideia sempre esteve presente no discurso das elites políticas e econômicas bauruenses, sobretudo nos anos 1960 e 1970, podendo ser verificada por meio dos registros jornalísticos. Por outro lado, a ferrovia, enquanto símbolo de progresso no começo do século XX, em geral é omitida das representações atuais da cidade. A situação do centro histórico de Bauru mostra a ausência de preocupação dos agentes locais, tanto públicos como privados, com esse patrimônio histórico.

Ao longo de cinco capítulos temáticos e um encerramento, apresentamos alguns dos aspectos da identidade bauruense sob a ótica do jornalismo. As identidades requeridas e atribuídas por Bauru passam pelo pioneirismo na *Terra Branca*, pelo centro regional de comércio e serviços trazido pela ferrovia, pelo progressismo expansionista alinhado à ditadura militar (*Sem Limites*), pela rotatividade de seus moradores (*Polo Universitário*). Atualmente, as identidades mais veiculadas retomam um senti-

PRÓLOGO

mento passional e local, como a expressão *Coração de São Paulo* e a valorização do sanduíche bauru.

Por fim, emprestamos da literatura seu suporte material e do jornalismo a reportagem. Esses formatos foram escolhidos pela extensão do tema e pelo sentido “físico” e documental que o livro carrega. Também nos inspiramos em trabalhos semelhantes, tanto de estudantes recém-formados quanto consagrados jornalistas com os quais tivemos contato durante a graduação.

Boa leitura!

Foto: Karen Mengheiti



A réplica da Estátua da Liberdade reacendeu a discussão sobre a ocupação do patrimônio público e privado em Bauru

FERROVIAS

“A identidade da cidade tem necessariamente que passar pela recuperação da sua memória, e nessa memória a questão central é a ferrovia”. O professor João Francisco Tidei de Lima é um saudosista do passado glorioso dos trens, que transportavam uma grande quantidade de pessoas e um número ainda maior de cargas. Mas é preciso constatar desde já: as ferrovias foram, de fato, “a cara” de Bauru durante muito tempo.

Porém, imaginar isso não é uma tarefa simples. Quanto mais jovem o leitor, pior. Afinal, não demora muito e surge uma pergunta inevitável: “onde estão esses trens, hoje?”. Vemos um ali no

IDENTIDADE: BAURU

Poupatempo, outro no Bosque da Comunidade... Fora o prédio da estação, na Praça Machado de Melo, completamente abandonado. “A estação está depredada, ela está despojada de todas aquelas características que ela teve na sua inauguração, revestida de mármore, de granito e por aí afora, não é verdade?”, lamenta Tidei, retomando os bons e velhos tempos. Mas e a ferrovia, onde está?

A explicação para essa ausência obriga que voltemos um pouco no tempo. Desde o momento em que se iniciou o processo de colonização do Brasil, o foco foi na exploração do litoral. Os colonizadores iniciaram o aniquilamento dos indígenas e a implantação de culturas como a cana-de-açúcar em locais do Nordeste do Brasil, e também em São Vicente, no litoral de São Paulo.

O interior demorou mais tempo para ser desbravado, pela própria dificuldade de acesso. Falando especificamente da região de Bauru, a expansão cafeeira foi a primeira responsável pela ocupação do território, onde até então viviam povos indígenas. A lei de terras do ano de 1850 ligou a posse dessas áreas exclusivamente à compra e venda. Assim, o centro-oeste paulista acabou sofrendo o processo

FERROVIAS

de grilagem – seus invasores, que chegaram aqui deslocando-se do Vale do Paraíba e de Minas Gerais, alegavam estar na região desde antes de 1850.

Essa expansão para as chamadas frentes pioneiras do café deu de cara com os índios caingangues, tribo que vivia por essas terras. “Os fazendeiros trataram de se armar, de contratar pistoleiros e matadores de índios”, explica Tidei, observando que a chegada do café exterminou boa parte dessa população.

Havia ainda mais um fator na história toda: a produção dessas fazendas precisava ser escoada. Logo, o café estimulou o crescimento do número de ferrovias. Os primeiros trens chegaram à cidade pelo ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, vindo de Botucatu, no ano de 1905.

Nessa mesma época, depois de muita polêmica, definiu-se a região de Bauru como sede de um grandioso projeto: daqui partiria a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, com o objetivo de ligar o interior de São Paulo a Corumbá, no Mato Grosso do Sul, de lá seguindo até a Bolívia e finalizando o trajeto no porto de Arica, no Chile.

Os engenheiros franceses, que venceram a concorrência para a construção da Noroeste, queriam

IDENTIDADE: BAURU

Foto: Carolina Seiko



A chegada dos trens provocou uma revolução econômica e cultural na cidade

Foto: Karen Meneghetti



O prédio da estação na Praça Machado de Melo: abandono e território de moradores de rua

FERROVIAS

que a ferrovia partisse da cidade do interior que fosse mais longe e que já tivesse trilhos. Por isso, a escolha inicial deles foi Jaú. No entanto, a oligarquia rural-cafeeira da cidade colocou muitas imposições a essa instalação, o que fez com que os europeus desistissem do lugar. A mesma coisa ocorreu nas cidades vizinhas de Agudos e Pederneiras – coube então aos primos Araújo e Azarias Leite, fazendeiros de Bauru, no ano de 1904, convidarem os franceses para visitar a cidade e conquistarem a simpatia deles. Assim, os engenheiros optaram por colocar o ponto de partida da Noroeste em Bauru, local onde até então não existia ferrovia.

Ou seja, com a Sorocabana, a Noroeste (cujo primeiro trecho foi inaugurado em 1906) e a chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1910, Bauru passou de um vilarejo habitado por aproximadamente 600 pessoas a principal entroncamento ferroviário do Brasil.

Fábio Paride, membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru (Codepac), comenta a verdadeira revolução pela qual a cidade passou nesse período, graças aos trens. “Então, Bauru começou a formar uma identidade que a gente pode

IDENTIDADE: BAURU

falar que seria uma identidade ferroviária. E, agregado a isso aí, tem uma coisa interessante. Bauru é uma cidade que, como toda cidade começa, de floresteiro, né? Todo mundo veio pra cá pra desenvolver uma atividade econômica, pra vender, comprar, pra tentar melhorar de vida...”, explica.

Assim, o município passou por um longo período de desenvolvimento. Um enorme contingente populacional mudou-se para a cidade, e os avanços não paravam. “Você tinha, ligado à ferrovia, a questão do telégrafo, que trazia as notícias de uma forma muito rápida e tal”, aponta Fábio. Além disso, surgiram serviços telefônicos, redes de esgoto, água encanada... enfim, uma nova cidade, que em nada lembrava o vilarejo pacato de pouquíssimos anos atrás.

“Mas as coisas vão mudando”, como bem lembra Fábio. “Se você pensar, década de 1960 a 1970... o artefato técnico-científico que vai substituir a ferrovia vai ser o carro. E aí você tem um debate muito interessante no Brasil: era a questão do pessoal rodoviário, que vai apoiar a questão do crescimento das rodovias, dos carros, dos caminhões, como um meio de transportar mercadorias e como um meio

FERROVIAS

de status social – que o carro sempre foi, desde o início da sua criação”. Washington Luís, presidente do Brasil no período de 1926 a 1930, já era um entusiasta das rodovias. É dele a célebre frase “governar é construir estradas”.

Nesse embate ferrovia versus rodovia, continua o patrimonialista, a longo prazo a segunda sairia vitoriosa. “Daí, o nosso Juscelino Kubitschek (JK) colocou uma pá de cal, realmente, na ferrovia. Os outros governantes a partir do JK não investiram nisso. E a ferrovia vai minguando, principalmente de passageiro”, observa. “O golpe final na questão da ferrovia, nessa questão da identidade ferroviária que Bauru tem, foi com a privatização. Porque daí ela foi abandonada de vez: começaram a fechar as estações... E, até pela questão da internet e dos meios de comunicação de massa cada vez melhores, hoje você administra a ferrovia com um software e poucas pessoas dentro de uma sala de tecnologia de informação, de TI, lá da ferrovia, né?”.

O esclarecimento de Fábio nos faz entender por que os trens não estão mais às nossas vistas. Mas, para compreender um pouco mais sobre a formação identitária de Bauru, não dá para fugir desse as-

IDENTIDADE: BAURU

sunto. À sua época, a ferrovia trouxe uma verdadeira revolução cultural e econômica à cidade.

Henrique Perazzi de Aquino, o HPA, é um ativista político e blogueiro bauruense. Fomos visitá-lo no cantinho que chama de *Mafuá do HPA*, onde guarda seus vários livros, CDs, DVDs, discos de vinil, jornais antigos e outros diversificados objetos, como máscaras (que vão de Hugo Chávez a Anonymous), bótons (que são vendidos por ele, e incluem estampas de Lula, Mafalda, Dr. House, e vários animes japoneses) e chapéus. O *Mafuá* é o espaço de trabalho de Henrique. É onde passa horas escrevendo para seu blog, criado em 2007 para postar tudo o que lhe vem à cabeça. Uma das seções da página, inclusive, vai virar livro.

O articulista também vê a força dos trens como símbolo bauruense. “A identidade que eu vejo de Bauru é mesmo a ferrovia”, coloca. “Nós tivemos uma época aqui em que as oficinas da rede abrigaram quase cinco mil funcionários. Esse número é quase o número atual de funcionários da Prefeitura”.

HPA vai além e recorda os momentos de fluxo intenso nos trilhos. “Em Bauru a ferrovia foi tão importante que nos anos 1950, 1960 e 1970, aqui

FERROVIAS

era a porta de entrada da América Latina. Você convivia com peruano, com boliviano, com paraguaio, com equatoriano, com gente da América toda. Bauru era uma terra de passagem. E sempre foi, desde a criação, e a ferrovia intensificou isso. Então a ‘terra de passagem’ é uma identidade. A ferrovia é outra. E essa efervescência da América Latina era um intercâmbio maravilhoso, que hoje não existe mais”.

O aumento do contingente populacional da cidade não incluiu apenas a chegada de estrangeiros. Os trens trouxeram gente do Brasil inteiro, com destaque para um estado do Brasil. Fábio relata: “A gente trouxe os cariocas pra cá, né? Por que os cariocas? Você já imaginou uma ferrovia de 1700 quilômetros, e ela era administrada lá do Rio de Janeiro. Então, o Epitácio Pessoa [presidente do Brasil de 1919 a 1922] falou para o Arlindo Luz, que era o diretor da Noroeste na época: ‘olha, não tem condição. Você tem que administrar essa ferrovia de onde ela começa’. Então, a ferrovia trouxe o pessoal do Rio de Janeiro, e o pessoal de lá, você queira ou não queira, trouxe o seu modo de vida, as suas características, a sua cultura, né? E Bauru vai sendo essa amálgama de pessoas, como toda cidade é, também”.

IDENTIDADE: BAURU

Além de balançar econômica e culturalmente essa região do centro-oeste paulista, e especificamente Bauru, a ferrovia também teve seus reflexos na política. “Tem a questão do café, também, mas tem a questão geopolítica. A importância de levar uma ferrovia pra região central do Brasil que se encontra, digamos, desassistida. A ferrovia vai ser uma espécie de ponta de lança dessa incursão pelo interior... Então, a estrada de ferro, ela vai ter uma função geopolítica”, reforça o professor Tidei, que cita outros municípios que despontaram no mesmo período. “Cidades que estão além de Bauru, na margem da Rondon, você tem Pirajuí, você tem Cafelândia. *Cafelândia*, olha aí, *Cafelândia* né, você tem Lins, você tem Promissão, você tem Araçatuba, não é? Depois Andradina, etc... essas cidades todas tiveram como primeiro núcleo de habitação a estação ferroviária, você entendeu?”.

Os trens ainda foram responsáveis por trazer à tona outra das marcas registradas da cidade, que atualmente anda meio de lado: o futebol. “O Esporte Clube Noroeste foi fundado em 1910, pelos ferroviários mesmo! Eles se organizaram e criaram um clube de futebol”, relata Tidei. Grande torce-

FERROVIAS

Imagem: reprodução



A “maquininha vermelha”, mascote do centenário time do Noroeste

Foto: Karen Meneghetti



Hoje, os trens se conservam no imaginário dos bauruenses mais antigos

IDENTIDADE: BAURU

dor do time, ele afirma que todos os jogadores, sem exceção, eram funcionários da Noroeste. Inclusive, havia horários para esse pessoal treinar e jogar. Essa situação durou até 1953 – ano do acesso à primeira divisão, o que exigiu novos jogadores e mais investimento para criar uma equipe competitiva.

O próprio mascote do time é uma locomotiva, a “maquininha vermelha” – cuja cor é a oficial do Norusca. Todos os campos do clube foram financiados pela ferrovia. Em 1935, inaugurou-se o primeiro Alfredo de Castilho (em homenagem a um ex-diretor da estrada de ferro) – e logo no jogo de estreia, derrota para o Campinas por 1 a 0. Porém, em 1958, quase aconteceu uma tragédia: um incêndio tomou conta de parte das arquibancadas do Alfredo. “Eu estava no estádio no dia em que pegou fogo. Eu estava na arquibancada de entrada, de madeira, e pegou fogo na arquibancada do lado”, lembra Tidei. “Daí, o seu Daniel Pacífico cedeu o espaço pra o Noroeste construir outro campo. E a ferrovia é que bancou a construção do estádio, que foi transferido para o Esporte Clube Noroeste”. O curioso é que em sua reinauguração, ocorrida em 5 de junho de 1960, o estádio tinha outro nome:

FERROVIAS

Ubaldo de Medeiros, engenheiro responsável pelas obras. Mas, após o golpe militar, o Alfredão voltou à sua antiga denominação, já que Ubaldo era adversário do regime. A própria cor vermelha da camisa do Norusca chegou a ser contestada pelos generais.

Nesse período agitado, destacava-se a rivalidade com o Bauru Atlético Clube (BAC), time que sobreviveu apenas até o final da década de 1960, e os duelos regionais. “Você tinha muita rivalidade entre Bauru e Jaú, Bauru e Lins, Bauru e Marília... Nossa, Bauru e Marília! E eu me lembro que esses campeonatos regionais superlotavam os estádios. O Noroeste já teve públicos ali de 25 mil pessoas. E não foi só um jogo não, vários! E hoje você vê 190 pessoas pagando pra assistir um jogo...”, observa o professor e torcedor.

Tídei completa suas histórias comentando que, nessa época, Bauru deslanchou. “A ferrovia teve um papel muito grande na multiplicação das cidades. E a cidade de Bauru se tornou um polo regional, com uma série de funções, que hoje se multiplicam”.

De fato, graças à chegada dos trens, o perfil econômico de Bauru direcionou-se para o setor terciário da economia. A chegada dos responsáveis pela

IDENTIDADE: BAURU

construção e instalação das linhas, e posteriormente o grande fluxo populacional de funcionários das ferrovias e profissionais liberais, deu uma sacudida no mercado local, diversificando e aumentando em quantidade os locais de compra e venda e de prestação de serviços. Surgiam armazéns, depósitos, restaurantes, pensões, casas de material de construção, hotéis, bordéis... Seria o surgimento de uma cidade focada no comércio?

ECONOMIA

Perguntadas sobre a identidade de Bauru na ocasião do aniversário da cidade no ano de 2013, algumas pessoas se lembraram do aspecto econômico. Entre as respostas, anotamos frases como “comércio forte” e “várias faculdades e o Distrito industrial”. Provavelmente, quem mora aqui já ouviu falar sobre essa vocação bauruense para o comércio. Ou sobre o caráter de polo educacional. Porém, devemos recorrer às origens para compreender como se configurou esse cenário e verificar se ele corresponde à realidade.

As primeiras incursões vitoriosas para ocupação do território de Bauru ocorreram na década de

IDENTIDADE: BAURU

1870. Os pioneiros se deslocaram do Vale do Paraíba e de Minas Gerais para cá, à procura de novas terras para ocupação e colonização. Nessa época, o solo era habitado por grupos caingangues, que dependiam da terra para sua subsistência. Nessas condições, os conflitos foram inevitáveis e se repetiram mais acentuadamente na última década do século XIX. Naquele momento, a vitória dos migrantes levou à emancipação do município em 1º de agosto de 1896.

Nessa época a cidade passou a ter a maior fazenda de café do mundo em número de pés, a Val de Palmas, fundada em 1895. Segundo o site do Codepac, a Fazenda “chegou a ter 2,3 milhões de pés de café. Sua sede foi por muitos anos mais importante que a própria cidade – política e economicamente – e hospedou várias personalidades, como o presidente Getúlio Vargas em sua vinda a Bauru”.

“Depois instalado o pessoal do café, veio a ferrovia. Sem nenhuma oposição, porque a oposição foi calada ‘à bala’”, afirma Fábio Paride. Assim, o conflito com os indígenas continuaria por alguns anos. A intensificação da ocupação do território para a construção da Estrada de Ferro Noroeste

ECONOMIA

do Brasil (NOB) continuou exterminando cain-ganges até 1917, quando cerca de 170 deles se renderam. Desse modo, a identidade indígena foi substituída pela dos pioneiros, que logo passaram a viver da terra. Quase que simultaneamente, começa a se criar a relação com a ferrovia e a modernidade trazida pelos seus idealizadores.

A ferrovia teria papel fundamental no desenvolvimento econômico do estado e do país, pois transportava principalmente o café, seu bem mais valioso. O historiador Célio Losnak, no programa *Tradições do Interior* da *TV Unesp*, compara o desenvolvimento das cidades da região com a chegada da ferrovia. Segundo ele, as cidades que eram mais antigas, e, portanto, mais importantes, mas que não receberam os trens, se estagnaram economicamente.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO EM 1920	POPULAÇÃO EM 1934	ÍNDICE DE URBANIZAÇÃO
Bauru	20.389	45.852	51,5%
Lins	12.692	67.039	23,11%
Pirajuí	29.042	58.830	12,63%

Fonte: Polifonia Urbana, 2004

A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1904 demandou inicialmente dois mil tra-

IDENTIDADE: BAURU

Foto: Alexandre H. Silva/Prefeitura Municipal de Bauru



A estação ferroviária Val de Palmas no distrito de Tibiriçá teve importância fundamental no período cafeeiro

Foto: Karen Meneghetti



Passado e presente coexistem em torre de antiga fábrica da Antártica, trilhos de ferro, Boulevard Shopping Nações e atacadista Assaí

ECONOMIA

balhadores. Entre eles, havia contadores, escreventes, maquinistas e mecânicos. Porém, a cidade não estava pronta para receber toda essa população. Segundo Correia das Neves, em seu livro *Tipos Populares de Bauru*, os primeiros anos foram muito difíceis. O escritor relata que os operários da Noroeste eram os mais bem pagos, mas a carência de estrutura da cidade era desmotivadora. Havia problemas como o orçamento municipal paupérrimo, péssimo serviço de luz e água, ausência de escolas. “A vida era barata. O dinheiro valia muito. Mas o que adiantava tudo isso se a cidade estava parada, se a sociedade também estava parada?”, indaga o autor. Tinha-se, portanto, que construir uma cidade às pressas.

Cientes desses problemas, os franceses contrutores da Noroeste trouxeram consigo uma mentalidade progressista para a cidade, segundo o agente cultural no Museu Ferroviário de Bauru, Gilson Miguel Aude, em entrevista ao programa *Tradições do Interior*. Preocupados com o desenvolvimento e o lazer da cidade emergente, eles criaram clubes de futebol, cinema e bordéis. Alguns deles foram o Noroeste, no qual jogavam os próprios ferroviários; o Bijou Theatre, que era um misto de cinema

IDENTIDADE: BAURU

e teatro, e os bordéis, como o que atraiu a paulistana Eny Cezarino, quem se tornaria famosa anos mais tarde fundando seu próprio bordel, que teria sobrevida até os anos 1980.

Segundo Losnak em *Polifonia urbana* esse último local ficaria famoso por suas sofisticadas instalações e por ter sido frequentado por artistas e políticos. Eny é lembrada também por suas ações filantrópicas, como doações em dinheiro para entidades assistenciais e por sua influência política. Segundo Henrique Perazzi de Aquino, “Acham que isso desmerece a cidade, vinculada com essa prostituição. O trem parava aqui, eram três estações. Então, é claro, a prostituição era maior do que qualquer outra cidade da região”. Ele lembra da situação inusitada que ocorreu quando o governo estadual “itinerante” de Paulo Maluf (1979-1982) esteve em Bauru. “Precisou botar um guarda lá senão os funcionários dele iam ficar o dia inteiro!”. O atual prefeito, Rodrigo Agostinho (PMDB) se lembra da personagem “bauruense” como uma coisa datada. “Tem coisas que historicamente as pessoas lembram em qualquer lugar do Brasil. E por incrível que pareça, não é de forma tão nega-

ECONOMIA

tiva ou pejorativa, porque é algo que ficou no passado”. Assim, a casa de prostituição movimentou a cidade economicamente.

O novo contingente de trabalhadores vindouros eventualmente provocou o crescimento e a diversificação econômica da cidade. O anseio de consumo por roupas, alimentação e habitação alavancou o comércio. Do mesmo modo, ergueu-se também o setor de serviços, reunindo médicos, dentistas, bancário, telefonia, telegrafia e a melhoria dos serviços já existentes, como energia elétrica e abastecimento de água. Assim, aos poucos, os que para cá vieram impulsionaram a melhoria da qualidade de vida e contribuíram com o desenvolvimento econômico e social da região.

Posteriormente, em 1921, surgiu a indústria ferroviária, que pode ser reconhecida como a primeira bauruense. Os trabalhadores das oficinas fabricavam partes dos trens e efetuavam sua manutenção. “Ali se fabricava tudo, menos as locomotivas, que eram importadas. Os vagões que eram engatados nas locomotivas da Estrada de Ferro Noroeste, os estofamentos, as janelas, os trincos...”, afirma João Francisco Tidei de Lima.

IDENTIDADE: BAURU

Agostinho fala da imigração, também propiciada pela ferrovia. “A partir do momento que as estradas de ferro vieram para cá, veio gente de todo lugar. Nós tivemos imigrantes de tudo quanto é região e isso dá uma cara de plural pra cidade. Vieram os libaneses com o comércio; os italianos pra plantar e colher café; vieram os portugueses e espanhóis no processo de colonização; depois mais tarde vieram os japoneses na imigração da Segunda Guerra Mundial. Enfim, a cidade é muito plural, e mesmo depois da crise do café dos anos 1930, a cidade já tinha um tamanho que a transformava num polo regional. Então novamente a cidade voltava a receber pessoas de tudo quanto era grupo social”. Configurou-se, então, uma nova identidade “multi-étnica”, coexistente com a ferroviária.

Com o declínio do café, principal carga, a malha ferroviária passa a ser utilizada principalmente para o transporte de passageiros, no que parece ter sido um movimento natural do mercado. A construção da estação ferroviária em 1939 como terminal de passageiros das três ferrovias (Sorocabana, Noroeste e Paulista) foi um marco desse período. Imponente e moderno em *art déco* (estilo arquitetô-

ECONOMIA

nico surgido nos anos 1920, com predominância da simetria e da geometrização), o prédio vira ponto de encontro social, tanto para os que aqui vivem quanto para os que passam pela cidade. A pujança de Bauru enquanto centro regional e terra de passagem de pessoas ia se consolidando.

Imagem: Reprodução



Símbolos do brasão de Bauru: 1. Os ramos de café, principal produto cultivado no início da história; 2. As torres das extremidades com laterais incompletas mostram o crescimento da cidade; 3. As estrelas representam as três ferrovias; 4. A onça teria sido uma espécie que habitou a região; 5. *Custos vigilat* significa “sentinela alerta”

IDENTIDADE: BAURU

Por outro lado, se o transporte de cargas antes subsidiava o de passageiros, por ser mais lucrativo, seu paulatino desuso inviabilizaria todo o modal ferroviário. Em *Polifonia Urbana*, Losnak afirma que posteriormente o transporte pelos trilhos viria a apresentar problemas econômicos, mais especificamente a partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, quando o governo federal parou de ampliar a malha ferroviária, e mesmo de investir naquela já existente.

“O trem não dá lucro em nenhum lugar do mundo. Os dois únicos trechos ferroviários do mundo onde o trem é superavitário é o trecho de Tóquio-Ozaka, o trem-bala japonês, e Paris-Marselha. Todos os outros trechos são deficitários. É preciso que, no orçamento de cada país, uma porcentagem seja reservada e obrigatoriamente investida na ferrovia, sem dúvida nenhuma”, pondera Tidei.

Em Bauru, o carro enquanto meio de transporte acabou por se consolidar, como parte de um meio de vida. A construção de avenidas para comportá-los e o sucateamento da malha ferroviária vão sendo executados pelas elites locais. Do mesmo modo, o entroncamento ferroviário é substituído pelo rodoviário.

Com a decadência do café e da ferrovia, Bauru al-

ECONOMIA

tera sua produção nos setores primário e secundário da economia. Em seu artigo sobre a indústria bauruense, Eli Toledo afirma que “o algodão substituiu o café em muitas áreas do Oeste Paulista. Seus produtos começaram a utilizar as ferrovias para o escoamento, também, para o exterior”. Nesse contexto, a cidade assistiu ao nascimento de fábricas que beneficiavam o “ouro branco” às margens das linhas férreas. Fábricas como a Matarazzo Sociedade Anônima, a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra) e a estadunidense Anderson Clayton começaram a funcionar nos anos 1930 e 1940 e descaroçavam ou produziam óleo de algodão. Posteriormente, a partir dos anos 1960, a soja substituiu o algodão na fabricação de óleo vegetal, nacional e internacionalmente, o que fez com que essas fábricas entrassem em decadência também no município.

Verificamos que no período de 1950 a 1980, Bauru assistiu a um êxodo rural. A agricultura perdeu mão de obra, que foi absorvida pela indústria incipiente, e, em maior escala, pela prestação de serviços. Porém, o avanço nesses setores foi menor do que nas cidades mais industrializadas. Em outras palavras: naqueles municípios, o setor se-

IDENTIDADE: BAURU

cundário “puxou” o desenvolvimento dos demais setores. Por outro lado, a economia de Bauru foi favorecida pela sua localização geográfica - as cidades menores na região dependiam de seu comércio e serviços - e do próprio mercado consumidor interno, do tamanho de uma cidade de médio porte.

Bauru em números

Nome: Bauru

Idade: 117 anos

População: 350.392 habitantes

Área: 667,68 km², localizada no centro-oeste do estado de São Paulo

Educação: 10 é o número de instituições de ensino superior presencial na cidade, sendo 3 públicas; 5 universidades, 3 faculdades, 2 institutos e 5 escolas técnicas. Todas elas reúnem quase 40 mil estudantes

R\$ 7,4 bilhões foi o valor do Produto Interno Bruto (PIB) municipal em 2010, que representa 0,6% do PIB estadual

Ferrovias: quase 60 quilômetros de trilhos dentro da cidade

Rodovias: 4 estradas estaduais cortam o município: SP-225 de Bauru a Ipaussu a sudoeste e a Jaú a leste; SP-294 de Bauru a Marília a oeste; SP-300 de Bauru a Botucatu a sudeste e a Lins a noroeste; SP-321 de Bauru a Iacanga a norte

Fontes: IBGE, Prefeitura e Seade

ECONOMIA

Os anos 1980 ficaram conhecidos como a *década perdida* da economia no Brasil e em muitos países. O cenário econômico de crise reunia retração industrial, hiperinflação, desemprego, PIB negativo e planos econômicos fracassados. Porém, Bauru, na contramão do país, estabeleceu seu desenvolvimento industrial nessa década. Políticas públicas municipais de incentivo econômico a partir dos anos 1960 e a criação dos Distritos Industriais atraíram grande parte das empresas.

“A primeira característica da maior parte das indústrias de Bauru é que elas são familiares. Elas pertencem a uma família e dura até uma segunda, e às vezes até terceira geração”, afirma Terezinha Zanlochi, historiadora e co-autora de livro a ser publicado sobre a indústria bauruense, sob encomenda do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). “A outra característica é que a indústria começa no fundo do quintal. E a última é que ela começa com capitais próprios, ninguém foi ao banco emprestar dinheiro para poder montar uma empresa, BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] não financiou”. Terezinha aponta ainda um segundo grupo de em-

IDENTIDADE: BAURU

Foto: Karen Mengheiti



O neologismo “batistar” significa comprar ou passear na Rua Batista de Carvalho

Foto: Karen Mengheiti



Trocas comerciais e culturais fazem a Feira do Rolo dominical

ECONOMIA

presas de fora, que viram na região um centro fácil de comunicação com os outros lugares geograficamente próximos de Bauru. Elas são estrangeiras e montam aqui sua sucursal ou subsidiária, onde continuam operando por muito tempo.

Chicletes, sucos, cadernos, tecidos, bolsas, plásticos e baterias. Esses produtos relativamente comuns fazem parte da diversidade do parque industrial bauruense, e, conseqüentemente, abastecem o mercado interno. “A gente tem cidades aqui na região que se a usina de álcool fechar a cidade fecha também, a cidade quebra. Certas cidades têm uma identidade com um determinado produto. Jaú é o calçado, Marília é o alimento... Bauru não, Bauru tem de tudo. Então isso não é ruim. Pelo contrário”, categoriza o atual prefeito.

Assim, o chefe do Executivo concorda com os entrevistados do começo do capítulo, sobre as características atribuídas a Bauru. “A questão da indústria também é forte. Eu acho que por ser multifacetária, bem diversificada, a cidade acabou não tendo um único símbolo, um único modelo”. Os dados a serem mostrados abaixo reforçam a fala do prefeito. A identidade da cidade, que passa pela

IDENTIDADE: BAURU

ferrovia e todo seu contexto econômico inerente, estava ligada ao setor terciário, de compra e venda de bens e serviços. Posteriormente, a indústria ganhou também seu valor dentro da economia e da vida do município.

“Falam muito que Bauru é uma terra de funcionário público. Porque ela concentra a maioria dos prédios de órgãos governamentais da região”, observa HPA. Essa percepção é no mínimo caricata, mas não deixa de ser verdadeira. Com milhares de servidores na Administração Municipal e em nível estadual e federal nas autarquias, estatais, universidades e fundações, essa parcela da população tem melhor poder aquisitivo e estabilidade de emprego.

Bauru tem 125.993 empregados. Desses:

- **72.074** em serviços e na administração pública em **3.657** instituições
- **28.046** no comércio em **4.248** empresas
- **17.643** na indústria em **635** empresas
- **6.877** na construção civil em **694** empresas
- **1.353** na agropecuária, extração vegetal, caça e pesca em **230** empresas

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais, 2012, Ministério do Trabalho e Emprego

ECONOMIA

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de outubro de 2013 mostram 20.483 empresas no município, reunindo 122.471 empregados registrados. Também é relevante o número de trabalhadores sem carteira assinada. Segundo a Acib (Associação Comercial e Industrial de Bauru), estima-se a existência de cerca de 32 mil trabalhadores informais em Bauru.

Segundo Mauricio Lima Verde, do Sindicato Rural, em entrevista ao Suplemento do *Jornal da Cidade* referente ao aniversário de Bauru, o cenário atual do setor primário é bom. De acordo com ele, os reflexos da consolidação da agricultura familiar e da profissionalização dos assentamentos levaram o homem novamente ao campo. Atualmente, cerca de 800 famílias movimentam esse setor na cidade, principalmente com o cultivo de frutas. “A seringueira também está começando a se destacar na cidade, mas é algo para longo prazo”, diz Verde. Além do abacaxi, destaca-se também o avocado, principalmente para exportação. Porém, ainda faltam maiores investimentos para atrair agroindústrias para cá. Com a ausência de incentivos e

IDENTIDADE: BAURU

a distância das plantações, indústrias como a da transformação da cana-de-açúcar instalam-se em outras cidades da região.

Apesar da diversidade da economia, o produto da história do município pode ter resultado numa homogeneização, quando comparada a outras cidades. “Eu acho que Bauru tem a marca identitária do tempo dela, que é a questão da globalização. Bauru é totalmente *fake*, né?”, critica Fábio. Seguindo essa lógica, os lugares são padronizados em ambientes fechados, que obedecem à mesma construção arquitetônica e ao mesmo modo de se apropriar do espaço, como os *shopping centers*.

Para impedir isso, os entrevistados acreditam no imprescindível resgate histórico, tanto de nossos primeiros tempos quanto de nosso passado mais recente. A ferrovia que fez a cidade crescer e se diversificar pode ser revista e viabilizada economicamente. Cidades médias como Araraquara e Uberlândia estão investido na questão de logística para distribuição de mercadorias, recebendo grandes aportes e gerando empregos. Para os entrevistados, Bauru poderia aproveitar seu parque ferroviário para fazer o mesmo. “É uma insanidade a gente ver os cami-

ECONOMIA

nhões rodando nas estradas com esse peso todo e essa ferrovia mal aproveitada. Mas vai chegar o dia desses investimentos. Estão bem próximos. Vocês vão vivenciar muito isso”, prevê HPA. Isso sem contar o potencial turístico dos trens, que já vem sendo explorado por outras cidades com sucesso.

Fato é que a desconexão entre a origem e o futuro da cidade, bem como entre seus próprios moradores, aponta para uma identidade também desencontrada. A esse respeito, o patrimonialista Fábio concorda: “Bauru está perdendo o bonde da história”.

ESPAÇO GEOGRÁFICO

A ocupação do espaço em Bauru começa pelo cultivo da terra. Com a chegada da ferrovia e o extermínio dos índios caingangues, os pioneiros deixaram esse papel de lado para se tornarem as pessoas da terra. Afinal, conforme a sabedoria popular, “se o campo não planta, a cidade não janta”. Nesse contexto, emergiu o *slogan Capital da Terra Branca*, ou simplesmente *Terra Branca*, nos anos 1920. Segundo o patrimonialista Fábio Paride, esse slogan foi atribuído à cidade por causa do arenito bauru, que não é favorável à construção, porque drena muito rápido. Mas quando fertilizado e irrigado, é possível se desenvolver nele a agricultura. E assim foi feito,

IDENTIDADE: BAURU

primeiro com o café, posteriormente com o algodão e, hoje, sobretudo, com as frutas.

De fato, os relatos bem-humorados no livro *Tipos Populares de Bauru* falam até em “automóvel das arábias”, referindo-se aos carros que afundavam nas terras arenosas da cidade. Ora, o que era uma característica negativa da cidade no momento inicial, passou a ser absorvida e reproduzida como identidade da mesma. Se não era a marca elementar, ao menos foi a primeira que a elite tornou “oficial”. O adjetivo “Capital” conferia a grandiosidade requerida para cidade, que iria somente crescer a partir de então e se tornar polo regional. A alcunha *Terra Branca* veio posteriormente a nomear também várias empresas e até um bairro da cidade.

O anúncio de venda de um terreno no *Diário de Bauru* de 14 de abril de 1964 chama a atenção. Ele pinta a cidade como: *sem limites, universitária, centro ferroviário, centro comercial, entreposto do oeste* e que *caminha para a industrialização*. Os atributos propositalmente colocados no texto expõem uma contradição. Só poderia existir tal zona urbana opulenta porque havia tantos outros núcleos afastados e marginalizados.

ESPAÇO GEOGRÁFICO

O primeiro dos adjetivos enumerados no parágrafo anterior é o que carregou, provavelmente, a identidade mais longeva de Bauru. Segundo o livro *Tipos populares de Bauru*, o aposto *Sem Limites* vinha sendo usado desde 1º de agosto de 1953 – data em que foi publicado no *Diário de Bauru* o poema do jornalista Euzébio Guerra (reproduzido a seguir), em ocasião do aniversário da cidade.

IDENTIDADE: BAURU

“Cidade Sem Limites”

Eu te admiro

Por essa extraordinária capacidade construtiva;

Por essa Fé indomável de pioneira;

Por êsse espírito inquieto de aventura...

Por tudo que é teu;

que te eleva,

que te impulsiona...

Por esse sangue, estuante e quente,

que percorre as tuas artérias;

por êsse fulgor de incandescências

que ilumina o teu nome;

Pelo arrojo das tuas iniciativas,

pela coragem dos teus gestos...

Eu te admiro:

Mais do que isso tudo,

porque ultrapassas a cada instante as tuas fronteiras;

porque te arrojas para além, sempre para mais longe,

Bauru – “Cidade Sem Limites”!

ESPAÇO GEOGRÁFICO

Hino de Bauru

Letra e música de Manoel Domingos de Oliveira

I

*É Bauru, terra branca ditosa
É a esperança e o desejo febril
Amparada na árvore frondosa
Cidade Franca do nosso Brasil
- É a luz do céu resplandecente
Desta terra abençoada
Bauru, és o sol nascente
que surge na madrugada
Vives na paz bem altaneira
Tens gloriosa tradição
Saudamos-te como a primeira
Da brasileira Nação!*

II

*De São Paulo és cidade querida
Bauru, berço da região
Sempre bela e engrandecida
no progresso da grande extensão
Vida própria da Noroeste
de riqueza e amplidão*

IDENTIDADE: BAURU

*É a esperança que nos resta
É de grande satisfação
Oh. Que terra tão querida
De todo o meu coração
- Saudamos-te por tua vida
na brasileira Nação!*

ESPAÇO GEOGRÁFICO

Acusada por alguns de esvaziada de sentido – *Sem Limites* para o quê? - a expressão está plenamente relacionada à época em que se popularizou. Os anos 1950 foram a década do desenvolvimentismo do presidente Juscelino Kubistchek. Assim como aconteceu com a questão rodoviarista, a política nacional projetava novos valores no nível da cidade.

Para Fábio, o *Sem Limites* significa “a questão do crescimento pelo crescimento”. Nessa linha, o progresso é buscado a todo custo, em detrimento do respeito de leis de urbanização e meio ambiente existentes. Historiadora e autora dos livros *Viagem através das ruas de Bauru I e II*, Márcia Sobreira comenta que essa alcunha relaciona-se mais à expansão demográfica, territorial e econômica. “A gente vê que Bauru, em termos territoriais, já não cabe mais nada. Esbarra em Piratininga, já esbarra em Agudos, já esbarra em Arealva... já tem um limite bem determinado e não dá mais pra crescer”. Ainda assim, trata-se de um slogan muito presente no cotidiano de todos os bauruenses. *Sem Limites* é o nome da empresa que detém a concessão de transportes na cidade, e o slogan aparece estampado em todos os ônibus que circulam pelo município.

IDENTIDADE: BAURU

A localização geográfica de Bauru acabou por influenciar a criação de outro *slogan*. Em maio de 2003, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) visitou Bauru e, em entrevista ao *Jornal da Cidade*, definiu a cidade como o *Coração de São Paulo*. Além de fazer menção à posição da cidade, que de fato se localiza praticamente no centro do estado, Alckmin também se referia ao potencial logístico do município.

Imagem: Reprodução



A partir desse momento, o próprio *Jornal da Cidade* (JC) se responsabilizou por criar um símbolo que traduzisse as palavras do governador em uma

ESPAÇO GEOGRÁFICO

ilustração. Todas as publicações do *JC* referentes a Bauru, como suplementos, cadernos especiais e edições de aniversário contam com esse símbolo logo no topo da primeira página.

Henrique Perazzi de Aquino não vê com bons olhos o bombardeio dessa imagem. “Eu sou avesso a esses nomes aí: *Capital da Terra Branca, Coração de São Paulo...* Eu vejo que a identidade de Bauru passa por um outro viés. Nós também, os bauruenses iguais a mim, que discutem, a gente nunca se preocupou em combater isso. É uma debilidade nossa. Até pra martelar, como eles [os grupos de mídia] fazem com esses símbolos”, diz.

Já o patrimonialista Fábio tem outra visão. “Eu acho que *Bauru, o coração de São Paulo* é muito interessante. Nós somos realmente o centro geográfico, não o centro, centro, cientificamente, mas nós somos o centro geográfico do estado de São Paulo, a gente tem uma questão interessante de logística, de transporte de mercadorias, que poderia estar sendo melhor aproveitada”.

Ainda que essa questão de logística não seja foco de muitas discussões até os dias de hoje, a preocupação com o ponto de vista da urbanização e do

IDENTIDADE: BAURU

progresso como um todo sempre esteve presente no discurso das elites políticas e econômicas bauruenses. A cidade, tal qual na época da chegada das estradas de ferro, assiste a todo tempo mudanças na paisagem, situadas no crescente desenvolvimento urbano. Imagens captadas há pouco mais de um ano pelo *Google Street View* já se tornam obsoletas.

“Anos depois de todo esse processo, a gente tem uma cidade universitária com quase 40 mil estudantes. Isso também ajuda a dar essa cara multifacetária, de uma cidade pouco conservadora, pra frente, enfim, porque o tempo todo está chegando gente nova, o mercado de trabalho vai se moldando às realidades”, afirma o prefeito Rodrigo Agostinho. “A gente tem uma boa divisão dos setores econômicos (comércio, serviços, indústria), não é algo que é só num determinado tipo de atividade. Na economia da cidade, mesmo que um setor vá mal, os demais acabam se sobrepondo”.

Luiz Carlos Azenha, jornalista nascido em Bauru e editor do blog *Viomundo*, discorda da visão do chefe do Executivo. “Bauru nunca foi uma cidade economicamente muito dinâmica. Não é uma cidade industrial, como foi Manchester na Inglaterra”. HPA reite-

ESPAÇO GEOGRÁFICO

ra a posição de Azenha, reconhecendo a importância do setor terciário. “Por ser polo regional e estando no centro do estado, com um monte de cidadezinhas pequenas, o comércio é sempre mais forte”.

O livro *Polifonia urbana* mostra que Bauru não teve a trajetória de Manchester, a contragosto de alguns dos que aqui governaram. O ex-prefeito Nicolla Avalone Jr., que também foi empresário do ramo imobiliário, comercializou nos anos 1950 e 1960 loteamentos que deram origem a vários bairros. O principal objetivo era atrair investidores, na potência industrial que se almejava para a cidade, mostrando que ela tinha estrutura tanto para os empregados residirem quanto para os empregadores se instalarem. Um desses bairros foi o nomeado por Nicolinha, como era conhecido, como Parque Industrial Manchester, “a Manchester brasileira”. Esse desejo não saiu do plano das ideias do político: até o hoje o Jardim Manchester carece de estrutura e tem poucos moradores.

“Seo” Adelmo Bertussi trabalhou como técnico projetista na Secretaria de Planejamento (Seplan), na Prefeitura de Bauru por 50 anos. Ele encabeçou a concepção e a ampliação de várias avenidas

IDENTIDADE: BAURU

Foto: Karen Meneghetti



A Avenida Nações Unidas Norte é uma das grandes obras inauguradas recentemente

Foto: Karen Meneghetti



Horizonte de arranha-céus na Vila Aeroporto, onde vivem muitos estudantes

ESPAÇO GEOGRÁFICO

da cidade, como a duplicação da Avenida Getúlio Vargas e a abertura da Nações Norte. Conhecedor da cidade, ele afirma com propriedade que “num olhar da gente, Bauru fica uma cidade agressiva. Mesmo as ruas mais antigas não são aconchegantes”. Segundo Adelmo, faltam muitas praças e as existentes precisam ser mais bem cuidadas.

Em relação às vias, a principal entrada de Bauru é pela Avenida Nações Unidas. Larga e com trânsito intenso, ela reúne edifícios, prédios comerciais, bancos, restaurantes, supermercado, postos de gasolina e um grande parque, e é um dos principais cartões postais bauruenses. Tanto quem vive no município quanto as pessoas que passam para uma visita acabam, de uma forma ou de outra, passando por essa via. Afinal, além de cortar a cidade praticamente inteira ao meio, é lá que ficam pontos importantes e bonitos como o Parque Vitória Régia, palco das principais festividades municipais, e a Praça da Paz, com seus carrinhos que vendem lanches e o famoso trailer que comercializa churros de 42 sabores.

As avenidas Duque de Caxias e Rodrigues Alves, localizadas no centro da cidade, são outros pontos de tráfego e fluxo de pessoas intensos, es-

IDENTIDADE: BAURU

pecialmente no final da tarde. Essa região conta com as principais casas de comércio da cidade, e é pela Rodrigues que passam praticamente todas as linhas de ônibus da cidade.

Porém, um fato que pode passar despercebido pelos bauruenses nativos, já acostumados com as correrias do dia a dia, pode despertar a curiosidade dos visitantes mais observadores. Por que nenhum dos locais citados até aqui possui um nome que carregue alguma marca da cidade? Esse fato se repete em outros locais importantes de Bauru como Praça Rui Barbosa, Praça do Líbano, Praça Portugal...

“Com relação a nome de ruas, a gente tem que fazer uma observação: pra alguém receber o nome de rua, ele precisa primeiro estar morto”, esclarece a historiadora Márcia, “e, ao mesmo tempo, quem indica geralmente são os vereadores, o próprio prefeito pode indicar, ou uma pessoa da comunidade indica para um vereador, aí ele coloca na reunião pra ser votado”. Assim, ela aponta que, embora os critérios utilizados pareçam interessantes num primeiro momento, há um interesse político por trás dessas indicações e escolhas de nomes.

ESPAÇO GEOGRÁFICO

A área do centro da cidade marca o local onde Bauru começou a despontar enquanto município. Segundo Márcia, era mais fácil escolher as nomenclaturas das ruas nesse período. “Foram dados nomes de ruas mais voltados para os pioneiros da cidade, ligados, por exemplo, à economia (fazendeiro) ou à política (um político que foi prefeito ou vereador), e também professores ou médicos, que foram os primeiros, porque sempre, ‘os primeiros são os primeiros’”. Assim, na região central encontramos nomes como Gerson França e Azarias Leite, homens ligados à política, Rodrigo Romeiro, o primeiro juiz de direito da cidade, e Araújo Leite, o primeiro juiz de paz.

Mas o que dizer a respeito de nomenclaturas aparentemente genéricas? No caso da Nações Unidas, a especialista em nomes de vias bauruenses não vê nada muito ousado ou diferente na decisão de chamar a avenida assim. “Olha, como a avenida corta a cidade e tem uma extensão bem considerável, e também tem a questão da ONU (Organização das Nações Unidas), ter algo assim de amplo, global, a pessoa que indicou, ela quis fazer referência à grandiosidade da obra, ou da avenida, com

IDENTIDADE: BAURU

Foto: Karen Mengheiti



A Catedral do Divino Espírito Santo, na Praça Rui Barbosa, é o marco zero da cidade

Foto: Karen Mengheiti



A imprensa bauruense vem construindo identidades durante toda sua história

ESPAÇO GEOGRÁFICO

relação a uma organização tão importante que é – ou pelo menos tenta ser – a mantenedora da paz mundial”, explica.

Já no caso de nomes como Duque de Caxias e Rodrigues Alves, a explicação possui motivações mais históricas. “Até a década de 1960, nós tínhamos uma política de heróis, de personalidades ilustres. Eram cultuadas as personalidades, tanto é que toda data, dia disso, dia daquilo, tinha uma festa, principalmente escolar, ou desfile, pra comemorar”, relata Márcia. “Mas daí, depois da década de 1970 pra cá, foi diminuindo esse culto às personalidades. Começou-se a ter uma nova mentalidade com relação à educação, de não se ‘personalizar’ mais. De ver a questão da História mais ‘macro-história’, mais ‘micro-história’, mas não de cultuar pessoas, como se aquela pessoa fosse a única responsável por aquele fato”. Desse modo, justificase a escolha de políticos de peso como esses dois ex-presidentes, ou mesmo de outras figuras importantes como poetas, pintores, escritores, políticos, senadores e demais pessoas de destaque.

Outra característica diferente das ruas bauruenses é a numeração adotada para as residências.

IDENTIDADE: BAURU

Apesar de ser diferente para quem vem de fora, o sistema não é exclusivo da cidade. Além da vizinha Pederneiras, a capital Brasília também separa sua numeração por quadras, cada uma à sua maneira. Em Bauru, o formato é composto por duas unidades: números da quadra e da casa, separados por um hífen. A cada quadra avançada, o primeiro número cresce. O segundo algarismo é a distância, em metros, da porta de entrada da casa até a esquina. Uma convenção “mais comum” é a adoção, no sentido em que avançam as quadras, dos números ímpares ao lado esquerdo da rua, e dos pares ao lado direito. Esse sistema se deu, segundo Márcia, após o *boom* ferroviário na cidade, nos anos 1920. O relativo isolamento das casas e a necessidade de se delimitar e organizar a cidade crescente eram evidentes. “Quando fizeram o arruamento em forma quadrangular, por exemplo, nesse quarteirão tinha uma casa, aí depois podia ter outra casa no outro quarteirão. Então eles tinham que numerar por causa do correio, de contas da prefeitura para pagar”, afirma.

Do mesmo modo que a população alterou o espaço geográfico, as mudanças se transferiram e

ESPAÇO GEOGRÁFICO

dialogaram com as representações que os próprios cidadãos fazem dele. Assim, as identidades *Capital da Terra Branca*, *Cidades Sem Limites* e *Coração de São Paulo*, representam a necessidade da cidade se diferenciar das demais, com características de seu tempo – sendo essas reais ou almeçadas – legitimando ou refutando identidades.

EDUCAÇÃO

Bauru completou 117 anos em 2013. É uma cidade relativamente jovem, se comparada com outras de médio porte e com os cinco séculos do país. Por essa razão, teve sua identidade reinventada em curtos espaços de tempo. Se num primeiro momento a ferrovia era a “cara” da cidade, a segunda metade de sua história é marcada pela questão educacional.

No Brasil, os primórdios da educação estão intimamente relacionados com a religião. O grupo de missionários jesuítas foi criado em 1540 em Portugal com finalidade evangelizadora e, posteriormente, educacional. Rapidamente, sua atuação

IDENTIDADE: BAURU

foi expandida para as colônias daquele país. Em 1564, eles fundaram o primeiro colégio brasileiro, na Bahia. O ensino religioso prosseguiu com força até o século XVIII, quando Marquês de Pombal instituiu reformas em várias áreas, sob a égide do Iluminismo. É desse período, em 1792, a inauguração da primeira universidade brasileira, a Federal do Rio de Janeiro. Porém, mesmo após sua independência em 1822, o governo brasileiro avançou lentamente na questão educacional, o que manteve uma população majoritariamente pobre e analfabeta. Assim, o ensino religioso, sob a tutela principalmente de grupos particulares, manteve-se pioneiro em algumas localidades. Foi o caso de Bauru.

Na primeira década do século XX, embora Bauru mostrasse seu desenvolvimento por meio de elementos urbanos como as ferrovias, os serviços bancários, os clubes recreativos e a população crescente, a cidade ainda carecia de escolas. Existia apenas o grupo escolar Rodrigues de Abreu, inaugurado em 1913. “Quem quisesse estudar e não encontrasse vaga tinha de viajar até Botucatu. A estrutura do ensino na época era precária, com umas poucas escolas primárias, os grupos escolares, sob competência do

EDUCAÇÃO

estado. As escolas públicas não conseguiam sequer combater o analfabetismo”, mostra o item *História*, do site do Colégio São José, o primeiro fortemente constituído em Bauru.

A situação começa a mudar com a chegada de adeptos de diferentes correntes religiosas ou filosóficas, como os libertários. Eles formavam um grupo anticlerical, ou seja, contrários à educação religiosa católica e à estrutura hierárquica existente na igreja. Com o apoio, sobretudo dos anarquistas, implantaram em 1914 a Escola Moderna. Esse modelo pedagógico era advindo da Catalunha, na Espanha e estava tomando força no mundo. Mesmo durando apenas quatro anos, seria o primeiro passo da história pedagógica bauruense.

É provável que tal implantação só tenha sido possível devido ao enfraquecimento da relação entre a política bauruense e a igreja de Botucatu, diocese da qual fazia parte. O exemplo mais notável foi a destruição da igreja do Divino Espírito Santo, em 1913. O prédio estava em péssimas condições estruturais e havia o desejo bauruense de sua mudança, para que se construísse uma grande avenida que iria da Rua Batista de Carvalho até o Cemité-

IDENTIDADE: BAURU

rio da Saudade. Porém, Botucatu não compactuava com essa transferência de local. Então, em 1913, quando o bispo de Botucatu vai a Roma, o prefeito bauruense Manoel Bento Cruz manda demolir a igreja. Ao voltar de Roma, o bispo ficou muito aborrecido pelo fato de não ter sido consultado sobre a demolição, e excomungou a cidade inteira. A comunidade bauruense ficaria oficialmente proibida de frequentar os rituais da igreja até 1964, data da criação do bispado na cidade. A situação parece ter também travancado o desenvolvimento da educação, ainda que do seu modo secular inicial.

Foi somente em 1922 que o Colégio São José, de orientação católica, foi inaugurado, fruto do esforço do padre holandês Francisco Van Der Mass e da freira italiana Arminda Sbrissia. Depois, com o crescimento da cidade, vieram se instalar escolas particulares e públicas, de ensino fundamental e médio, com vistas à universalização do ensino. Bauru inseria-se mais uma vez no plano global e nacional, de qualificação profissional imprescindível para o desenvolvimento capitalista.

EDUCAÇÃO

Foto: Victor Santos



A Universidade do Sagrado Coração (USC) é a mais antiga de Bauru

Foto: Karen Meneghetti



Estudantes do ensino médio de Bauru e região em evento sobre o mercado de trabalho: de olho no futuro profissional

IDENTIDADE: BAURU

É com saudosismo que alguns se lembram do ensino de qualidade oferecido nas escolas estaduais, nos anos 1950 e 1960. Havia disputa de vagas para as escolas melhores, ainda que localizadas distantes das residências dos alunos. A Escola Estadual Ernesto Monte, foi uma delas. Inicialmente mais elitizada, chegou a ser palco das mais brilhantes mentes bauruenses, como o Sr. Ozires Silva, fundador da Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A.). Posteriormente passou a exigir inclusive aprovação em processo seletivo para o ingresso na escola. Mais tarde, a Prefeitura construiu mais colégios municipais, aumentando o acesso ao ensino público.

Além disso floresceram os cursos técnicos na cidade. Em 1950 o Senai (Serviço Nacional da Indústria) e em 1958 o Senac (Serviço Nacional do Comércio) começam a atuar no município. Em 1967 é inaugurado o Colégio Técnico Industrial (CTI). O intuito dos cursos era formar mão de obra para atuar nos setores secundário e terciário da economia bauruense.

No ensino universitário, Bauru assistiu ao nascimento de suas primeiras faculdades somente na década de 1950. A primeira delas, a Fafil (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de

EDUCAÇÃO

Jesus), vinha do mesmo grupo dono do Colégio São José e era particular. Como seu nome indica, ela oferecia cursos de ciências humanas, tendo como pano de fundo o ensino religioso. Posteriormente, mudou o nome para USC (Universidade do Sagrado Coração). A universidade, comandada pelo Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus (IASCJ), ainda mantém algumas práticas seculares, como o ensino obrigatório de Teologia para todos os cursos. No setor privado, surge o Instituto Toledo de Ensino, reunindo cursos técnicos de Química Industrial e Pontes, Estradas e Edificações, e posteriormente as faculdades de Direito, Educação Física, Economia e Serviço Social. Nos anos 1950, foi a vez da luta em prol da primeira faculdade pública. Criada em 1948, a FOB (Faculdade de Odontologia de Bauru), ligada à Universidade de São Paulo (USP), só viria a ser inaugurada em 1962.

Nos anos 1960, também surge a Fundação Educacional de Bauru (FEB), instituição privada que agrupava os cursos de Engenharia Mecânica, Civil e Elétrica. Em 1985, foi instalada a também particular Universidade de Bauru, composta pelos cursos da antiga FEB e outros das áreas de Ciências, Artes, Comunicação e Tecnologias.

IDENTIDADE: BAURU

Na década de 1980 havia, portanto, um cenário de aumento da procura e da oferta de cursos técnicos e superiores nas escolas existentes, bem como a luta para atrair novas instituições públicas. Em agosto de 1988, a Universidade de Bauru foi incorporada à Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), após grandes esforços políticos. A prática foi considerada incomum, visto que essa universidade, desde seu surgimento em 1976, encampava apenas os Institutos Isolados de Ensino, que eram públicos. Tanto é que Bauru é a única cidade além de São Paulo que possui as três faculdades estaduais públicas (Fatec – Faculdade de Tecnologia, USP e Unesp). O campus bauruense da Unesp é, aliás, o que reúne maior oferta de cursos – 23 ao todo, distribuídos em três faculdades: Ciências; Arquitetura, Artes e Comunicação e Engenharia.

Imagem: Reprodução



EDUCAÇÃO

Toda essa herança educacional manteve e potencializou a cidade enquanto centro de atração de migrantes. Os jovens estudantes universitários passaram também a movimentar o setor secundário, nos segmentos de alimentação, habitação, transporte e, claro, educação. As pessoas vindas de fora continuavam, portanto, a tentar uma vida melhor, agora por meio da qualificação profissional. “A questão universitária é uma função importante que a cidade detém”, afirma o historiador João Francisco Tidei de Lima.

A cidade manteve o legado característico do auge da ferrovia: ser um local de travessia ou efêmero, agora para os estudantes. A historiadora Terezinha Zanlochi fala sobre a alcunha chão de passagem, expressão famosa e que aparece na dissertação de Sant’Agostino (*Bauru, chão-de-passageiro: entreposto de valores na rota Atlântico-Pacífico*). “As pessoas vêm, fazem o que tem que fazer e vão embora. Mas toda vez que a pessoa vem, deixa alguma coisa da cultura dela, da forma de vida dela, e isso interfere no meio”.

Assim, prosseguiu-se com a instalação de instituições de ensino superior nos anos 1990 e 2000.

IDENTIDADE: BAURU

O produto da história, segundo o prefeito Rodrigo Agostinho é: “uma cidade estudantil, uma cidade de formação de mão de obra”.

Essa diversidade cultural e econômica, porém, parece não estar sendo bem aproveitada pela cidade. Percebe-se certa resistência contra os estudantes, em decorrência da falta de políticas públicas de apoio a eles. Somente em 2010 foi instituído o desconto para os estudantes de nível superior nas linhas de ônibus municipais. Na Unesp, após 24 anos de luta, foi construída a moradia estudantil, com capacidade bem abaixo da demanda. O Restaurante Universitário está construído e parado há quase um ano, sem iniciar as atividades.

EDUCAÇÃO

Foto: Jessica Mobilio



O movimento estudantil da Unesp Bauru lutou em 2013 por políticas de permanência e representação discente

Foto: Karen Meneghetti



As unidades da Unesp estão presente em 24 cidades, distribuídas em todo o Estado de São Paulo

IDENTIDADE: BAURU

“O preconceito existe, mas não o preconceito econômico. As grandes imobiliárias estão de certa forma ‘abrindo as pernas’ para os estudantes porque são um grande mercado consumidor”, diz HPA. O articulista e blogueiro dá o exemplo de um conhecido que tinha dinheiro pra pagar um ano de aluguel à vista e não fecharam negócio com o rapaz, pois não tinha fiador; segundo ele, se na mesma situação estivesse um estudante, a imobiliária fecharia negócio, já que esse teria o resguardo financeiro dos pais. “Existe essa divisão sobre os estudantes estarem apartados, serem bagunceiros, etc, mas eles também lucram muito em cima”, categoriza. O patrimonialista Fábio Paride concorda com a hipótese da falta de apoio aos estudantes. “Eu acho que Bauru trata mal os seus estudantes, infelizmente. A gente não tem alguma coisa na prefeitura, no poder público e político que receba as pessoas. Que mostre o seguinte: ‘olha, a cidade é acolhedora. Nós temos orgulho que vocês estejam aqui. Nós não queremos só o dinheiro de vocês pra alugar a casa. Nós vamos fazer com que a cidade ofereça a vocês alguma coisa em termos de cultura, em termos de acolhimento, em termos de humanização no relacionamento””.

EDUCAÇÃO

O universitário Dueiny Godoy, afirma que gosta da cidade, embora reconheça também essas careências. Enquanto toca seu violão no Parque Vitória Régia, no anoitecer do aniversário bauruense, comenta: “Falta um pouco na parte cultural, música. Falta pista de skate pra galera, pra comunidade. Em São Paulo é uma coisa mais comum”.

Por fim, a estrutura estudantil já existente poderia ser mais bem aproveitada. Para isso acontecer, é importante haver uma articulação entre os setores da sociedade bauruense. “A gente tem que ter a questão de desenvolvimento tecnológico, ligado a essas universidades, que possam gerar polos de tecnologia para receber investimentos, para qualificar mão de obra... Então, se a gente tivesse um Poder Executivo e Legislativo dinâmico e que tivesse a coragem de se reunir, e batalhar para trazer investimentos, eu acho que Bauru teria uma identidade, como São Carlos, por exemplo. A gente teria o potencial de nos transformarmos na questão de um Vale do Silício”, comenta Fábio.

CIDADE-SANDUÍCHE

Já que falamos em vida universitária, uma das primeiras imagens que um estudante recém-chegado a Bauru dá de cara no terminal rodoviário é uma estátua bastante inusitada. Disponível ali, numa esquina, para qualquer viajante que aparece na rodoviária, encontra-se um monumento em formato de sanduíche: o Bauruzinho.

“É uma questão identitária, o sanduíche bauru, né?”, comenta Fábio Paride, “Porque tem uma coisa muito engraçada: o Brasil inteiro, que tem duzentos milhões de habitantes, eu acho que em todo boteco do Brasil você pede um bauru e vem um misto quente com alface e tomate, mas o nome

IDENTIDADE: BAURU

está lá, estampado – na lembrança de que existe um sanduíche que tem o nome de uma cidade. Só que, por uma questão de falta de informação, a moçada não sabe qual que é o verdadeiro bauru”

Em agosto de 2013, o fotógrafo Celso Mellani lançou o livro *Bauru: a cidade e o sanduíche*. Através de imagens, contou toda a história do lanche, desvendando sua receita original e os ingredientes principais, e vinculando-o ao município. Na época de seu lançamento, o autor colocou que buscava, com a obra, justamente unir a história do lanche e da cidade, algo que ainda não tinha sido feito por nenhuma outra publicação bauruense.

“Hoje”, conta Celso, “depois que eu comecei a olhar tudo, todos esses elementos – é claro que, na cidade, teve gente que marcou muito a história, a passagem por aqui, como o Pelé, como o Marcos Pontes, então são pessoas que representam hoje, ainda, muito no cenário nacional e até mundial, e são pessoas daqui. O Pelé não é bauruense, mas começou a ter a projeção profissional aqui. Então, isso tudo é marcante, só que: tudo isso não leva o nome, né? Então, Pelé é Pelé. O Marcos Pontes é um astronauta, são elementos separados”.

CIDADE-SANDUÍCHE

Foto: Karen Mengheiti



O monumento fica na rodoviária, em um local de pouco destaque

Foto: Victor Santos



Descascando, a estátua de Bauruzinho apresenta má conservação

IDENTIDADE: BAURU

Assim, o fotógrafo tem a mesma opinião que Fábio no que diz respeito à simbologia que o bauru carrega. “A felicidade que eu vejo do sanduíche é que ele levou o nome de Bauru. Então, essa referência acaba sendo muito objetiva, muito rápida, e de certa forma, possui uma eficiência muito maior”.

O que pode ser surpreendente para muitos, especialmente àqueles que não vivem na cidade, é o fato de que toda essa história gastronômica começou fora de Bauru – mais especificamente na capital do estado, São Paulo.

Numa noite de 1936, Casimiro Pinto Neto, bauruense e então estudante de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco, entrou na lanchonete Ponto Chic e, atrasado para sua partida de sinuca, pediu para um funcionário do local montar o sanduíche pela primeira vez.

Seu pedido era simples: abrir um pão francês, tirar seu miolo, acrescentar um pouco de queijo derretido e complementar com duas fatias de rosbife e rodela de tomate. Como Casimiro era chamado pelos colegas de “Bauru”, logo seu lanche se popularizou no Ponto Chic e recebeu o mesmo

CIDADE-SANDUÍCHE

apelido, havendo apenas, ao longo do tempo, o acréscimo de orégano e picles na receita.

Mas como essa receita veio parar na cidade natal de Casimiro? Em 1972, José Francisco Júnior, potiguar de nascença, inaugurou em Bauru a lanchonete Skinão. Dois anos mais tarde, em 1974, leu a notícia de que o Ponto Chic ia fechar as portas na capital. Assim, Zé do Skinão, como era conhecido, tomou pra si a responsabilidade de continuar a fazer lanches com a receita do bauru original de Casimiro, servindo-os no seu estabelecimento.

Em entrevista ao portal *G1 Bauru e Marília* em 2012, Marco Sanches, filho do proprietário do Skinão, afirmou que o bauru é o carro-chefe do local. São comercializadas cerca de trezentas unidades por dia, que representam 80% das vendas da casa.

Mas, ainda que os sanduíches fossem muito vendidos e certa representação no imaginário local, verificou-se a necessidade, por parte de setores políticos e empresariais da cidade, de fortalecer essa imagem. Essas articulações começaram em 1998.

“O Projeto Bauruzinho surgiu em uma conversa minha com o Jad Zogheib, dono dos supermercados Confiança”, conta o vereador Fernando

IDENTIDADE: BAURU

Mantovani (PSDB), um dos idealizadores. “Naquela época, a gente percebia que o sanduíche era muito famoso fora da cidade, e pouco conhecido pelas crianças e pelos munícipes. As pessoas daqui, se você perguntasse ‘me fala a receita original do sanduíche bauru?’, muitos não sabiam do passado. E a gente percebia que a imagem que existia do sanduíche bauru era uma imagem sem... era a imagem de um pão, com queijo... inanimado. Sem brilho nos olhos, né? E aí, nós começamos e conversar, e percebemos que a gente precisava dar vida para o sanduíche bauru”

Na data de 24 de junho de 1998, um projeto de lei de autoria do então vereador José Eduardo Fernandes Ávila foi criado com a finalidade de manter inalterada a receita original do sanduíche. A lei, descrita a seguir, conta com os ingredientes e modo de preparo, além de fixar o lanche como criação de um bauruense e de alçar Zé do Skinão ao posto de personagem municipal, como cidadão que trabalhou na manutenção do bauru original.

O mesmo projeto também tornou permanente a Festa do Sanduíche Bauru, evento que era realizado anualmente na Praça Rui Barbosa,

CIDADE-SANDUÍCHE

no centro do município. “A Festa do Sanduíche Bauru se tornou a maior festa da nossa cidade”, aponta Fernando, “e mais de 22 entidades passaram a vender as coisas do Projeto Bauruzinho e a arrecadar dinheiro com isso”. O evento também se transferiu para o Parque Vitória Régia, localizado na Avenida Nações Unidas, tradicionalmente uma área mais nobre de Bauru.

IDENTIDADE: BAURU

*Câmara Municipal de Bauru - P. 12648/98 LEI
NÚMERO 4314 DE 24 DE JUNHO DE 1998,
autoriza o Poder executivo a tomar as Medidas necessárias
para o registro do “Sanduíche Bauru”.*

*Artigo 1 – ENG. ANTÔNIO IZZO FILHO.
Prefeito Municipal de Bauru, Estado de São Paulo, faz
saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e
promulga a seguinte lei:*

*Com o objetivo de manter inalterada a receita original do
Sanduíche Bauru, fica o poder Executivo autorizado a
tomar todas as medidas necessárias para o registro do San-
duíche Bauru, como produto idealizado por um bauruense*

Artigo 2 – Para fins desse registro deverão ser considerados:

*a) que a origem desse sanduíche deu-se na cidade de São
Paulo, precisamente no Restaurante Ponto Chic, localizado
no largo do Paissandu, por iniciativa do bauruense Casemiro
Pinto Neto, conhecido como “o Bauru”, quando estudante de
direito do Largo do São Francisco, que sugeriu a confecção do
primeiro sanduíche com a receita por ele formulada.*

*b) a receita, constituída com os seguintes ingredientes: pão
francês, fatias de rosbife, tomate em rodela, picles de pepi-
no em rodela, mussarela, orégano, água e sal.*

CIDADE-SANDUÍCHE

c) a maneira de fazer o sanduíche é a seguinte: corta-se o pão francês ao meio e retira-se o miolo da parte superior, como se fosse uma pequena canoa; na metade inferior, colocam-se as fatias frias de rosbife e sal a gosto; por cima, distribuem-se algumas rodela de tomate e pepino, polvilhando com orégano a gosto; à parte, coloca-se um pouco de água numa frigideira. Quando ferver, coloca-se a mussarela a ser derretida; retira-se a mussarela da água e coloca-se na metade da canoa da parte superior do pão, unindo-se as duas partes. O calor da mussarela vai aquecer os ingredientes da outra metade.

d) preservar a iniciativa do Senhor José Francisco Júnior, o “Zé do Skinão”, proprietário do Bar do Skinão, localizado na confluência da Rua Rio Branco com Rua Júlio Maringoni, que manteve o hábito de fazer sempre o sanduíche, observando a receita de seu idealizador;

e) perenizar a “Festa do Sanduíche Bauru”, idealizada pelo Vereador Sérgio Purini e realizada anualmente na Praça Rui Barbosa.

Artigo 3 – As despesas necessárias para o registro proposto no artigo 1 desta lei serão atendidas com dotações próprias de orçamento vigente, suplementadas se necessário.
Bauru, 24 de Junho de 1998

Iniciativa do Vereador José Eduardo Fernandes Ávila.

IDENTIDADE: BAURU

Ainda nesse contexto, o Conselho Municipal de Turismo de Bauru (Comtur) criou um selo de Certificação do Sanduíche Bauru, com a finalidade, de acordo com o site oficial da prefeitura, de “salvaguardar a tradição, preservar a identidade e valorizar a iniciativa dos empresários do setor que buscam a qualidade na prestação de serviços e o comprometimento com a municipalidade”.

“Estão tentando fazer do bauru um patrimônio nacional”, explica Celso. “Ele se tornou patrimônio imaterial municipal, mas querem fazer nacionalmente. E isso só não está se conseguindo fazer por conta de alguns toques dessa receita. Então tem, por exemplo, lá no Ponto Chic, eles usam quatro queijos pra fazê-lo, aqui em Bauru ele ficou sendo conhecido, registrado, tal, como com um queijo só. Pequenos detalhes assim é que acabam, na hora de fazer uma formatação legal, criando um certo atrito”.

Mas o ponto alto de toda essa movimentação de políticos e empresários aconteceu com a criação da estátua do Bauruzinho, o qual ilustra o começo desse capítulo. Idealizado por Jad Zogheib e Fernando Mantovani e criado pelo designer bauruen-

CIDADE-SANDUÍCHE

se Adelmo Barreira, o monumento é feito de aço e de fibra. Foi inaugurado em agosto de 2008, nas celebrações dos 112 anos da cidade. A estátua ficava num local de destaque no Parque Vitória Régia.

A matéria do *Jornal da Cidade* que descreve a solenidade de entrega da estátua classifica, logo em sua abertura, o Bauruzinho como “ícone da cidade” e afirma que ele teria “a incumbência de divulgar o município mundo afora”. Entrevistado na mesma matéria, o empresário Jad Zogheib declarou que o Bauruzinho “é a identidade que estamos criando para Bauru. É um presente que vamos deixar para a cidade”.

No entanto, mais de cinco anos depois, Fernando Mantovani explica que a intenção não era exatamente essa. Quando questionado sobre a possibilidade da estátua ser capaz de representar a identidade de Bauru, o vereador comentou: “Não, a estátua não tem essa missão. Ela não tem esse propósito. É que as pessoas estão carentes de um símbolo da cidade. A missão do Bauruzinho é representar o sanduíche bauru. É divulgar o sanduíche, que é um valor gastronômico da cultura bauruense”.

IDENTIDADE: BAURU

De acordo com o representante do legislativo, a intenção era também criar um herói bauruense, um monumento voltado especialmente para as crianças. “Um herói que tivesse os valores mais profundos do povo de Bauru, que são: solidariedade e o jeito caipira e fraterno de receber as pessoas”, conta. Ao mesmo tempo, o símbolo deveria ser fiel e transmitir a receita original do bauru. “O pé do Bauruzinho é feito de tomate, as pernas e as mãos são feitas de queijo derretido, o corpo dele é feito de pão francês sem miolo, a boca dele é feita de rosbife fatiado, os dois olhos são pepinos em conserva, e em cima tem um queijo espetando. Ou seja, cada parte do corpo do Bauruzinho foi criada para que as crianças gravassem qual era a receita”, esclarece Fernando.

Para Henrique Perazzi de Aquino, a forma como o Bauruzinho foi concebido não foi das mais corretas. “Essas coisas são feitas na cidade sempre de cima para baixo, são duas ou três pessoas que decidem e fazem. Eles impuseram isso. O empresário bancou a fabricação e a montagem do boneco e depois ele não tinha onde pôr. Então ele fez a cabeça do prefeito. Ele podia pôr no espaço do mercado

CIDADE-SANDUÍCHE

Foto: Karen Mengheiti



No aniversário da cidade, a Festa do Sanduíche reúne milhares de pessoas no Vitória Régia

Foto: Karen Mengheiti



O bauri aparece em diversos cardápios da cidade, mas apenas três locais possuem o selo de qualidade

IDENTIDADE: BAURU

dele, mas fez o prefeito comprar a idéia e pôs o Bauru naquele lugar [no Parque Vitória Régia]. Só que ali ele ia ser constantemente depredado”, diz.

De fato, foi o que aconteceu. A estátua sofreu uma primeira pichação, mais discreta, antes mesmo da sua inauguração oficial. Vinte dias depois dos festejos de entrega do Bauruzinho, novamente o monumento foi pichado, dessa vez causando estragos estéticos um pouco maiores. Nada comparável, porém, com o que aconteceria a seguir.

No dia 5 de setembro de 2008, quatro estudantes universitários removeram o Bauruzinho da base na qual estava afixado no Parque Vitória Régia e o levaram para a república onde residiam. Alunos de cursos como Engenharia Civil, Biologia e Administração de Empresas de duas das principais escolas de Bauru, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e Universidade do Sagrado Coração (USC), os rapazes alegaram que desejavam apenas enfeitar sua casa com o sanduíche gigante.

A partir daí, seguiu-se uma série de polêmicas pela cidade. A relação dos estudantes com a população no geral, já tumultuada, estremeceu-se ainda mais. Muitos moradores aproveitaram o momento

CIDADE-SANDUÍCHE

para protestar contra a baderna dos universitários. Entretanto, o contrário também aconteceu: o próprio Bauruzinho passou a ser alvo de críticas, com alguns representantes da população se sentindo mais à vontade para confessar que não viam beleza no monumento, e que não concordavam muito com a presença dele no Parque Vitória Régia.

“Me perdoe quem inventou, mas ela é muito feia”, admite a professora Terezinha Zanlochi. “Sabe, o símbolo, o desenho, a figura, precisa ser uma coisa que a sociedade encontre ressonância nele. E, pelo que eu vi, o Bauruzinho não encontrou essa ressonância, só mesmo no meio em que foi criado”.

O prefeito Rodrigo Agostinho declarou, em 2009, na entrevista ao documentário *2ª via – Bauru em busca de uma nova identidade*, que o sanduíche bauru de fato precisava ser valorizado, mas que a estátua era “de péssimo mau gosto”, sendo preciso “saber valorizar os atributos que a gente tem na cidade”. Mas, em entrevista aos autores desse livro, Rodrigo usou outras palavras. “Eu não acho que ela seja de mau gosto”, diz, “mas eu acho que não dá pra usar uma estátua como símbolo da uma cidade. É um monumento, foi feita por uma pessoa super con-

IDENTIDADE: BAURU

ceituada na área... mas eu não consigo identificar a cidade com o monumento. Quando ele foi desenhado, foi como se fosse um personagem de HQ, com foco nas crianças, para contar a história do sanduíche. E a hora que você coloca aquilo numa estátua aquilo fica um pouco caricato”.

Nos mês após o seu furto, em meio à divergência de opiniões e às discussões, o Bauruzinho passou por um novo processo de restauração, o qual o tornou mais pesado e resistente, para evitar que o transtorno se repetisse. Porém, seu retorno ao Parque Vitória Régia foi adiado várias vezes, até que acabou sendo instalado em um local completamente diferente.

“Colocamos ele num outro lugar, que é a rodoviária”, relata o prefeito, “então, todo mundo que chega de ônibus, dá de cara com o Bauruzinho”. Fernando Mantovani alega que a prefeitura não tinha interesse em colocar um vigia para a estátua, e que os envolvidos no projeto não possuíam verba para isso, logo, a escolha final de todos acabou mesmo sendo o terminal, onde o monumento possui segurança 24 horas por dia. “O Bauruzinho tem um apelo mais charmoso para quem está em trânsito,

CIDADE-SANDUÍCHE

para quem viaja. A primeira coisa que veem é que aqui é a terra do sanduíche bauru. E o Bauruzinho está lá, de braços abertos para receber todo mundo, que é o jeito bauruense de receber”, comenta.

Gostando ou não do Bauruzinho, e mesmo tendo a estátua adquirido repercussões surpreendentes e inimagináveis, em um ponto todos os entrevistados concordam: o sanduíche bauru, por si só, é tradição, e deve ser preservado.

Comparando com outras possíveis referências da cidade, Celso acredita que o sanduíche ainda supera todas elas em importância. “A ferrovia está estrangulada, aquele prédio da estação poderia ser melhor trabalhado”, aponta o fotógrafo, “E o Vitória Régia é recente. Como lugar, ele é citado. Mas lembrar, falar... sempre vão comentar do sanduíche. O referencial hoje, do bauru, ainda é muito vivo. Está extremamente ativo e faz parte do dia a dia dos bauruenses”.

EPÍLOGO

Teóricos da globalização do mundo inteiro apontam que precisamos rever nossas referências sobre o local em que vivemos. Afinal, as fronteiras estão mais diluídas, e tornou-se muito mais fácil atravessar territórios ao redor do globo. Na verdade, a própria noção de tempo e de espaço mudou, com a evolução das comunicações, internet, celulares e etc, que permitem romper barreiras físicas quase que num piscar de olhos.

Em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (1992), Stuart Hall observa esses fenômenos, apontando como as histórias, hábitos e tradições flutuam livremente pelos lugares, graças a essa flexibilização

IDENTIDADE: BAURU

do espaço acompanhada pelas próprias mudanças políticas e econômicas do planeta. Hoje, o mercado global de paisagens, moda e estilo é transmitido para todo o mundo e dificilmente se restringe a um só lugar. Exemplos desse fenômeno aparecem com frequência nas cidades de médio porte como Bauru. É possível encontrar, em vias importantes como a Alameda Dr. Octávio Pinheiro Brisolla, um restaurante japonês, um mexicano, uma lanchonete especializada em “hot dogs” e uma padaria “gourmet” com nome de um bairro carioca a poucas quadras de distância uns dos outros.

“Bauru está lidando mal com a questão da globalização”, aponta Fábio Paride. Já para a historiadora Márcia Sobreira, a questão é que “o povo bauruense não está muito ligado à história da cidade”. O motivo? “É que nós temos uma parte dos bauruenses que são bauruenses nascidos aqui, criados aqui, que praticamente não saíram muito daqui da cidade. Agora se você for fazer uma pesquisa hoje, é bem provável que uma grande parte da população bauruense não seja bauruense nato. Veio de outras regiões para cá, por vários motivos, como trabalho, estudo...”, explica a especialista. “Então, existe uma

EPÍLOGO

rotatividade muito grande dessa população. E esse pessoal que vem de outros lugares, só pra estudar, ou pra trabalhar e acaba ficando, então, falta pra essas pessoas, na minha opinião, aquilo que segura qualquer coisa, que é a raiz”.

No meio desse contexto, os representantes do Executivo e do Legislativo ouvidos durante nossa apuração, o prefeito Rodrigo Agostinho (PMDB) e o vereador Fernando Mantovani (PSDB), encontraram dificuldades para apontar um único símbolo capaz de resumir toda a identidade de Bauru.

A questão é que no meio desse emaranhado de representações, algumas delas totalmente globalizadas e descaracterizadas, outra manifestação interessante ganha força nos municípios, incluindo Bauru: uma certa resistência ao que vem de fora, acompanhada de uma valorização da originalidade das tradições locais. Ou seja, ocorre uma ressignificação das identidades locais, valorizando aquilo que diferencia uma cidade da outra.

De toda forma, definir um ou mais símbolos que traduzam a essência de um local é uma missão complicada, ainda mais porque, por mais que essas representações sejam impostas por aqueles que

IDENTIDADE: BAURU

detêm maior poder econômico, elas precisam gerar relações de identificação com a população para serem aceitas e se firmarem no imaginário local.

Após esses meses estudando, pesquisando, conversando com representantes de todas as camadas da população e embasados por entrevistas com especialistas no assunto, conseguimos detectar os pontos principais da relação de Bauru com sua identidade. Podemos dividir as representações bauruenses em três categorias:

- Identidades desconhecidas ou ignoradas: Bauru tem um passado ferroviário glorioso. É até hoje reconhecida por historiadores, memorialistas e moradores mais velhos como um importante entroncamento de ferrovias, o maior do país. Ainda assim, os trens, a estação e todos os outros elementos desse passado carecem de uma preservação eficiente.

O comércio forte é outra das marcas do município na lembrança das pessoas. O problema é que essa característica aparece muitas vezes atrelada a um outro pensamento: o de que Bauru não tem indústrias grandes, e que as maiores fábricas ficaram nas pequenas cidades ao redor. Mas, para o poder

EPÍLOGO

público, especialmente os setores políticos da década de 1960 e 1970, era imprescindível valorizar a industrialização da cidade.

A falta de uma preservação histórica, problema que não atinge só Bauru, como também grande parte das cidades brasileiras, acabou colaborando para que os trens ficassem meio de lado no imaginário bauruense. A dinâmica econômica, política e social da cidade a transformou num polo regional, sobretudo nos setores de comércio e de serviços, que devem ter seu valor melhor reconhecido e ampliado – juntamente com a agricultura e a indústria existentes.

- Identidades “impostas”: principalmente a partir da gestão do ex-prefeito Nicola Avallone Jr (1956 a 1959), a qual coincidiu com um período expansionista no Brasil, governado por Juscelino Kubitschek (1956 a 1961), o ideal que predominava era o do progresso, com obras “faraônicas” e políticas voltadas para a industrialização. Assim, os setores políticos, contando com apoio dos grupos de mídia na cidade, criaram máximas como o slogan *Cidade Sem Limites*. Ou seja, para eles, Bauru não tinha limites para progredir e se tornar uma cidade desenvolvida.

IDENTIDADE: BAURU

Outro slogan mais recente, *Coração do Estado de São Paulo*, também se encaixa na categoria, visto que foi uma denominação dada pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) graças à posição geográfica do município. A representação foi incorporada pelo *Jornal da Cidade*, que desenvolveu um logotipo com essa frase e apresenta-o em todas suas edições especiais e suplementos.

- Identidades atribuídas (muitas vezes, involuntariamente): nesse último item se encaixam as representações de Bauru melhor aceitas pela população em geral. Essas características possuem maior ressonância por serem mais palpáveis à realidade dos habitantes.

A cidade desenvolveu-se como um centro de faculdades. Bauru conta com dez instituições de ensino superior, atraindo estudantes do estado todo e de outros lugares do país. Ainda que a relação com a população local enfrente percalços, a identidade de Bauru como polo universitário reforça-se a cada dia.

Nesse tópico também podemos falar do lanche que leva o nome da cidade, mas que foi criado em São Paulo, retornou a Bauru anos mais tarde, ganhou

EPÍLOGO

selo de qualidade, virou lei e estátua. A trajetória desse símbolo por si só é repleta de histórias, enquanto o alimento se reforça no imaginário local como identidade. Assim, que o sanduíche, por um lado, atrai admiradores, mas por outro é motivo de chacota por causa especialmente das polêmicas envolvendo a estátua que foi roubada e mudou de lugar.

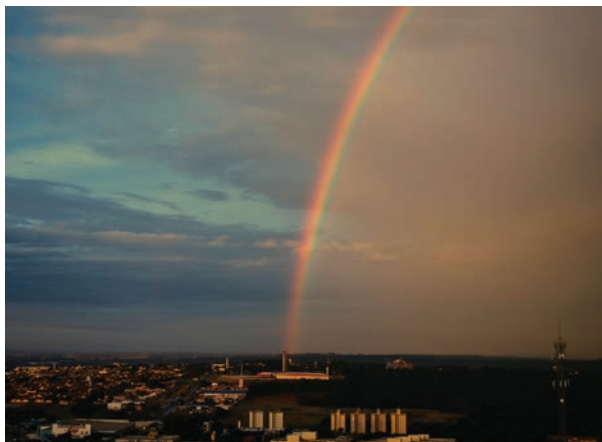
São muitos os símbolos e representações que buscam o tempo todo revelar aquilo que a cidade guarda em sua essência. Durante a produção desse livro-reportagem, pudemos observar que, sendo a cidade um ambiente tão plural, precisamos também falar em identidades para Bauru, também no plural. Numa época de “crise de identidade” de indivíduos, sociedades e instituições, se por um lado as pessoas não encontram pertencimento tradicional em algo maior, por outro, a diversidade que os cidadãos carregam consigo, agrupados sob a mesma fronteira urbana, confere também inúmeras e complexas representações – a respeito de si mesmos e do lugar onde vivem.

Desse modo, a identidade é um processo de construção realizado por pessoas – no caso da cidade, seus habitantes – e nem sempre é feita de

IDENTIDADE: BAURU

maneira harmoniosa. Pelo contrário: ela se mostra como permanente campo de batalha. As ideias e símbolos podem ser aceitos ou refutados, chaco-teados ou defendidos por diferentes estratos da população, e possuem mais ou menos importância em diferentes períodos. Por fim, alimentos, frases, objetos, meios de transporte ou lendas tornam-se mais assimiláveis quando correspondem, de algum modo, à realidade cotidiana.

Foto: Jessica Mobílio



Arco-íris em Bauru

REFERÊNCIAS

Para a elaboração desse livro, realizamos entrevistas com especialistas e com pessoas diretamente envolvidas no processo de construção de uma identidade bauruense.

Conversamos com diversas pessoas no Viva Bauru, ou Festa do Sanduíche Bauru, que reúne milhares de pessoas no Parque Vitória Régia, para saber quais os símbolos mais recorrentes da cidade na cabeça delas.

Essas pequenas entrevistas deram base para que procurássemos estudiosos dos temas que mais compõem a simbologia bauruense, e também buscássemos aqueles que estiveram envolvidos, direta ou indiretamente, na idealização ou fixação desses símbolos. Foram entrevistados, para esse trabalho:

Adelmo Bertussi, trabalhou como técnico projetista na Secretaria de Planejamento (Seplan), na Prefeitura de Bauru por 50 anos. Fez parte de algumas obras importantes da cidade, como a duplicação da Avenida Getúlio Vargas e a abertura da Nações Norte.

Celso Mellani, fotógrafo. Autor do livro *Bauru: a cidade e o sanduíche*, que narra a história do lanche e dos principais pontos da cidade através de fotos.

Fábio Paride Pallotta, professor de história e membro do Codepac (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru), envolvido na questão da preservação do patrimônio histórico bauruense.

Fernando Mantovani, vereador bauruense pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Ao lado do empresário Jad Zogheib, foi um dos criadores do Projeto Bauruzinho, cujo maior feito é a criação da estátua do sanduíche, localizada atualmente na rodoviária da cidade.

Henrique Perazzi de Aquino, historiador, blogueiro e militante político. Mantém o *Mafuá do HPA* (mafuadohpa.blogspot.com.br), no qual posta artigos sobre a cidade de Bauru.

João Francisco Tidei de Lima, historiador. Especialista na questão das ferrovias e na política

bauruense, possui também uma coluna sobre memórias do futebol no jornal Bom Dia.

Luiz Carlos Azenha, jornalista. Nascido em Bauru, é o editor do Viomundo (www.viomundo.com.br), site jornalístico que pretende ser uma alternativa a chamada “grande mídia”.

Márcia Nava Sobreira, professora de história. Autora dos livros *Viagem através das ruas de Bauru I e II*, que explica as origens dos nomes das vias do município.

Rodrigo Agostinho, prefeito de Bauru pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Foi o prefeito mais jovem na história da cidade, eleito aos 30 anos. Atualmente está em seu segundo mandato nesse cargo.

Terezinha Zanlochi, professora de história na Universidade do Sagrado Coração (USC). Estudiosa de temas bauruenses, especialmente relacionados à igreja.

Bibliografia

Durante a nossa apuração jornalística, além das entrevistas, foi necessário efetuar uma pesquisa histórica, baseada especialmente em livros, documentários e matérias jornalísticas sobre os principais elementos que representam a cidade. Apresentamos a seguir todas as referências utilizadas nessa obra.

Livros

BAUMAN, Zygmunt **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e adapt. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LOSNAK, Célio José. **Polifonia urbana: imagens e representações Bauru 1950-1980**. Bauru: Ed. Da USC, 2004.

NEVES, Correia das. **Tipos populares de Bauru**. Bauru: [s.n.], 1971.

SOBREIRA, Marcia Regina Nava. **Viagem através das ruas de Bauru**. Bauru: [s.n.], 1999.

_____. **Viagem através das ruas de Bauru II**. Bauru: [s.n.], 2006.

SODRÉ, Néelson Werneck. **Formação histórica do Brasil contemporâneo**. Néelson Werneck Sodré. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Artigos acadêmicos

BERTOLLI FILHO, Claudio; TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. O suplício do Bauruzinho: cultura local, identidade e mídia. In: **Caderno de Estudos Culturais: Cultura Local**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

TOLEDO, Eli Fernando Tavano. A indústria bauruense como transformadora do espaço urbano. In: Simpósio de pós-graduação em Geografia do Estado de São Paulo - SIMPGEO/SP, 1., 2008, Rio Claro. **Anais eletrônicos...** Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2008. Disponível em: < <http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/1167-1181eli.pdf>> Acesso em 12 ago. 2013.

Documentários e vídeos

2ª via – Bauru em busca de uma identidade. Bauru, 2009. Disponível em <<http://vimeo.com/24681869>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

Tradições do Interior – Histórias das Ferrovias. Bauru, 2013. Disponível em <<http://www.tv.unesp.br/2564>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

Última entrevista – Zé do Skinão – lanche Bauru. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=vyl7DlG6zg>>. Acesso em: 24, abr. 2013.

Matérias jornalísticas

ARAUJO, Rose. Setor rural em alta: 22% de crescimento. **Bauru 117 anos**. Bauru, ano 1, n.1, p. 28, 1 ago. 2013.

BOMBIG, José Alberto. Interesse de militares uniu clube e ferrovias. Folha de S. Paulo. São Paulo, 30 abril 2000. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3004200003.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

CAMARGO, Adilson. Bauruzinho volta dia 28 na rodoviária. **JCNET**, Bauru, 09 março 2009. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=151541&ano=2009>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CAPTURA do Bauruzinho para enfeitar república (Bauru-SP). **SPTV 1ª Edição**. São Paulo: Globo, 5 set. 2008. Programa de TV. 1 min 49 s. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=b2iy6pRjyEQ>>. Acesso em: 22 out. 2013.

FERRAZOLI, Marcelo. Projeto quer slogan obrigatório em Bauru. **JCNET**, Bauru, 16 novembro 2007.

Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=117792&ano=2007>. Acesso em: 13 agosto 2013.

LA FORTEZZA, Luciana. Vitória Régia ganha Bauruzinho. **JCNET**. Bauru, 02/08/2008. Disponível em <http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=135965&ano=2008>. Data de acesso: 10 junho 2013.

LINHA do tempo. **Revista Esporte Clube Noroeste 102 anos**. Bauru, p. 55, 1 set 2013.

O CLUBE e o desenvolvimento da cidade. **Revista Esporte Clube Noroeste 102 anos**. Bauru, p. 43, 1 set 2013.

PICHONELLI, Matheus. **Carta Capital**, São Paulo, 30 abril 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/mais-padre-beto-menos-padre-marcelo-9933.html>>. Acesso em: 5 mai. 2013.

ROMERO, Simon. Reshaping Brazil's Retail Scene, Inspired by Vegas and Vanderbilt. **The New York Times**, New York, 14 setembro 2013. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/09/15/>

world/americas/reshaping-brazils-retail-scene-inspired-by-vegas-and-vanderbilt.html?smid=fb-share&_r=5&>. Acesso em: 1 out. 2013.

SCHNEIDER, Alan. Bar que colocou o lanche bauru no mercado completa 90 anos. **G1 Bauru e Marília**. Disponível em <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/03/bar-que-colocou-o-lanche-bauru-no-mercado-completa-90-anos.html>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

TV CULTURA, **A história da UNESP**. [S.l.], 2011. (47 min 26 s). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=saTtrzwFDM4>>. Acesso em: 20 out. 2013.

ZANLOCHI, Terezinha. Preservação de patrimônio histórico e cultural. **Jornal da Cidade**, Bauru, ano 47, n. 15.872, p. 26, 26 set. 2013.

Sites

BAURU – SP. **Google Maps**. Street View: Google, 2013. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

CODEPAC: Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru. **Sede da Fazenda Val de Palmas**. Bauru, 2013. Disponível em: <http://hotsite.bauru.sp.gov.br/codepac/bem_detalhes.aspx?id=47>. Acesso em 20 set 2013.

COLÉGIO SÃO JOSÉ. **História**. Bauru, 2013. Disponível em: <<http://redesagrado.com/sao-jose/pagina.php?id=30>>. Acesso em: 7 ago. 2013.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Perfil Municipal**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfilMunEstado.php>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: cidades@**: Bauru: SP. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/W3>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação Anual de Informações Sociais - RAIS**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario.htm>. Acesso em 20 jun 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. **Sandu-
íche Bauru**. Bauru, 2013. Disponível em: <[http://
www.bauru.sp.gov.br/secretarias/sec_desenvolvi-
mento/sanduiche.aspx](http://www.bauru.sp.gov.br/secretarias/sec_desenvolvimento/sanduiche.aspx)>. Acesso em 10 out 2013.

_____. **História e símbolos da cidade**. Bauru,
2013. Disponível em: <[http://www.bauru.sp.gov.br/
cidade/historia.aspx](http://www.bauru.sp.gov.br/cidade/historia.aspx)>. Acesso em 10 out 2013.

VIVENDO BAURU. **Sanduíche Bauru**. Disponível
em <[http://www.vivendobauru.com.br/gastrono-
mia/skinao](http://www.vivendobauru.com.br/gastronomia/skinao)>. Acesso em 20 jul 2013.

Projeto de lei

BAURU. Lei nº 4314 de 24 de junho de 1998. **Au-
toriza o Poder Executivo a tomar as medidas
necessárias para o registro do Sanduíche Bau-
ru**. Disponível em <[http://www.camarabauru.
sp.gov.br/camver/leimun/04314.pdf](http://www.camarabauru.sp.gov.br/camver/leimun/04314.pdf)>. Data de
acesso: 15 abr. 2013.